ANO VI N. 285
RIO DE JANEIRO, 12 DE AGOSTO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

ERNANI AUGUSTO

CINEARTE

LUPITA TOVAR
CINEARTE

CINEARTE

NOTICIAS que encontrámos em jornais e revistas profissionais dos Estados Unidos fazem-nos saber que as empresas produtoras que rivalizavam em esforços para produzir films nas linguas faladas fóra dos Estados Unidos já vão aos poucos abandonando essa orientação, essa politica, convencidos de que só prejuizos podiam com ela auferir.

Temos presente o relatorio de uma dessas empresas em que funcionario de alta categoria que viajou por alguns paises sul-americanos acabou confessando que era até prejudicial ao film a versão obtida através da fala dos artistas espanhois, pois que a prosodia na America Latina muito difere da usada na peninsula européa donde a lingua é originaria.

Não se referem essas noticias ás versões em lingua portuguesa. E' pena. Porque, se se referissem, outras não poderiam ser as observações a respeito.

Os films que a Paramount preparou com artistas portugueses deixaram muito a desejar.

Ninguem, isto é, nem um filho do Brasil percebeu patavina do que diziam lá no português de Portugal os encarregados da falação.

Póde ser que entre a colonia portuguesa da banda de cá algumas pessoas houvesse que os entendessem.

Brasileiro, porém, não houve um só que pescasse uma só palavra.

Se os films se destinam apenas a "fazer a colonia", como acontece com as companhias teatrais de além-mar que aqui vêm de vez em vez, muito bem.

Mas a colonia só existe em pequenos nucleos aqui, ali e além. A grande massa do publico, a clientela dos Cinemas é outra que vai ao Cinema falado para ouvir e ao cabo da passagem de um film dialogado, versão portuguesa alfacinha, sai do Cinema tendo compreendido menos do que se o inglês fosse o idioma utilizado. Os proprios jornais portugueses não esconderam o seu desagrado por esses films.

Isso de films sonoros feitos da outra banda jamais pegarão.

Se os povos que falam o espanhol na America refugam esses films feitos com o auxilio de artistas peninsulares, que não diremos nós quando a diferenciação prosodica entre o português de cá e o de lá é muito maior?

Films falados para o Brasil só no Brasil podem ser feitos, digamos a cousa logo com franqueza. A Paramount perde o seu tempo supondo que podem obter sucesso os artistas portugueses a não ser entre a colonia.

Não é por má vontade, que nós até gostamos muito, devéras, dos nossos irmãos de além mar.

Mas é que não mais conseguimos entendê-los. A lingua dêles é tão diferente da nossa!

Salvem-se, enfim, a boa vontade e o esforço da Paramount que é a unica, afinal, que dá a sua atenção ao Brasil.

LUPE!

Ronald Colman
e Fay Wray

Cenas de
"Anholly Garden"

Quatro dias em Burbank

(De L. S. Marinho, representante de CINEARTE em Hollywood)

Richard Barthelmess

Film: *Spent Bullets*. Diretor: Wilhelm Dieterle. Astro: Richard Barthelmess.

E nisso entrámos nós, brasileiros e portuguêses de Hollywood. Por que?... Ora: *Spent Bullets* tem cenas que se passam em Portugal e como era necessaria *atmosfera* para dar cunho de mais valor ao têma, o *casting bureau* andou a cata de todos os que falassem "essa lingua" pelos arredores do Studio...

A história corre sôbre trilhos que tocam americanos que, passeando pela Europa, entregam-se principalmente ao livre transito de bebidas... guélas abaixo! O Mack Brown, emprestado da M. G. M., figura e é o que mais entra na cachaça. Quer "bancar" o toureiro e chega a pretender agarrar um dos bichos a unha mesmo...

Quando chegaram os herois a Portugal (na história, é visto) apareceu-nos o Henrique da Silva como tecnico e convidou os patricios todos, que não são muitos e os brasileiros que muitos não são, para entrar e fazer *atmosfera*, como êles chamam no Studio. Os mais felizes fizeram *bits* que, embora sem importancia, são curiosos. Os brasileiros e os portugueses, alguns dêles, como a senhora do Galante, inclusive nós dois, fizemos um pouco mais, fomos *extras*... Não nos incomodavamos com a arte. No fim do dia havia um xeque para cada um... e para mim, uma reportagem.

Os mesmos e Leo Reisler

Entre outros, figuraram o Dante Orgolini, o Rodolfo Galante, o Paulo Portanova, a Natalina Guilherme, a Rossana San Marco, o Yaconelli, o Leon de Leon, o Silvino da Silva e o Rod de Medices. Os dois primeiros e o último, um português distinto, por sinal, que tem alguns parentes em Pernambuco, puseram-se em vestes de toureiros e passaram a lutar com um touro imaginario...

O Dante Orgolini, pintor de profissão, na voz de trabalhar em Cinema, deixou tintas e pinceis de lado e disparou para o Studio. Deve estar bem e sua familia poderá vê-lo. A dansa *a la* "hula hula" que êle faz deante do tal touro imaginario é que uma cousa que não vão gostar, na verdade...

Houve um dos brasileiros que perdeu as estribeiras e desandou a falar em inglez... O papel de medico operador que ha no film é feito pelo novo "iniciado" Silvino da Silva. Êle é brasileiro da Favela, tocador do violão, cantor de sambas e andou vendendo automoveis pelo Japão... Estréou assim no Cinema e acha — o Cinema ou o xeque?... — que é o seu caminho certo...

Dos Marinhos, como *extras*, pouco se tem a dizer. Êles trabalharam, passaram e tornaram a passar deante das *cameras* e, certamente, mais para a familia aí fazer escandalo quando o film for exibido, do que por outro motivo qualquer — excluido daqui o xeque, é logico... Foi uma cooperação, apenas, para o ambiente extra-português que tantas dôres de cabeça deu ao pessoal do Studio.

Ser *extra* é a peor cousa do mundo, palavra. Não sei como êste pessoal todo não arruma malas e não vai procurar outra profissão! Convenci-me, entretanto, que tomar *cocaina* e trabalhar em Cinema, é a mesma cousa: é questão de hábito para vir o vicio...

Depois de um dia de trabalho, neste exercito de *extras*, modificou-se a minha opinião sôbre os pobres *extras*. São uns *párias* que merecem até admiração. A maioria deles luta pelos *dollars* que recebe e de amor á arte apenas tem a palavra que diz... Quando êles terminam os trabalhos, em que pensam? Em descansar, em comer?... Não! Pensam em trabalhar... no dia seguinte!

Em tudo, além disso, vai uma dóse bem grande de hipocrisia, de ambição, de miséria moral. Felizmente são muito poucos os brasileiros que lutam, em Hollywood, por simples papeis de *extras*. Êste caso de *Spent Bullets* foi um caso especial. Êles precisavam côr local e, assim, tiveram que tratar diferentemente aos que para lá foram fazê-la.

(Termina no proximo número)

Silvino Silva, Rod de Medicis, Rodolpho Galante, Dante Orgolini, Zacharias Yaconelli e L. S. Marinho

Politica

A politica de Norma foi casar-se com Thalberg.

Janet Gaynor parece ingenua, mas é bôa — politica.

Greta Garbo deve ter a sua politica, deixando saír fotografias como esta, agora na éra de Marlene...

Se Gloria Swanson gosta de gatos Pola Negri detestava-os!

Volva - á 1922. O cenario é o Studio da Paramount, em Hollywood.

— Tire êsses gatos daqui, ainda hoje! Eu os detesto!

Foi o que Pola Negri ordenou ao pessoal encarregado da limpeza e da orientação interna do Studio. No dia imediato, quando êles foram tratar de obedecer as ordens da geniosa estrela polaca, encontraram, pasmos que ficaram, Gloria Swanson a alisar com suas mãos aristocraticas os lombos de todos os gatos da vizinhança e a dizer-lhes quando lhes percebeu as intenções, pois ouvira o quanto exclamára a "outra" estrela...

— Êles aqui ficam e ninguem os tira, entenderam?... Adoro gatos?...

E foi por causa dêsses pobres animais que começou uma das mais animadas batalhas politicas da parte interna de orientação de um dos mais importantes Studios da industria. Nêsses Studios que dão aos homens e ás mulheres que o rodeiam muito dinheiro ou muita desilusão, tanto dinheiro e tanta desilusão, á êstes e aquêles, quantos jamais, em outro qualquer ramo, dará o mundo todo a quem quer que seja... Nem os partidos republicano e democratico, americanos, enfrentaram em qualquer época, luta semelhante...

A vitória, na politica interna do país, dá anualmente 75 mil *dollars* ao presidente Hoover.

A vitoria, na politica interna do seu Studio, dá, hoje, anualmente 500 mil *dollars* a Gloria Swanson, a vitoriosa, por dois films de trabalho, aproximadamente... Se Gloria não tivesse feito um jogo sábio com os seus gatinhos ensinados, estaria com muitos zéros a menos na soma apontada... Mas Gloria conhecia de sóbra o lema que Hollywood nem sempre conhece: a politica destróe ou constróe. Depende do artista...

Pola Negri era uma personalidade nova. Viera para o país estranho nas asas da publicidade internacional. Até o momento da sua chegada, Gloria fôra a Rainha do Studio. Pola passou a ameaçar a segurança do seu reinado, é logico. Pola era dinamica. Gloria tambem o era. Pola era sensacional. Gloria, idem. Pola era dramatica. Gloria era dramatica. O tipo de papeis que viviam eram quasi os mesmos. Gloria não só tinha que lutar pela sua posição, como, ainda, pelo prestigio do proprio Studio. Se Pola Negri se tornasse a figura mais eminente dêle, teria a escolha total dos seus argumentos, diretores, elencos, operadores, eletricistas, etc. Seria a criatura mais em evidencia perante os produtores. Representar, afinal de contas, pouco significava. Com bôas historias, diretores, pessoal tecnico em geral, em suma, não ha artista alguma que não represente bem. Mas o fato era que *duas pessôas*, ali, não podiam ser *a melhor*, ao mesmo tempo, quando não havia plural para essa palavra... Gloria sabia disso. Pola sabia disso.

Gloria não podia, portanto, deixar que Pola limpasse o Studio de seus gatinhos. Seria implantar automaticamente o seu poder. Era demonstrar, pela força bruta, que quando Pola falasse, Pola mandava e não pedia.

Foi por isso, particularmente, que Gloria deu para gostar de gatos... Durou a luta até o instante da partida de Pola Negri. Pola detestava musica executada muito alta. Gloria só comprava discos de banda de musica para tocar, bem alto, na sua vitrola, parede e meia com o camarim de Pola... Ambas foram convidadas para o celebre banquête de vendedores que se realizou em 1922. Ambas esperaram horas e horas para não serem a *primeira* a chegar. A vantagem era ser a ultima, para *achatar!...*

Couba a Gloria o vestido mais vistoso de todo jantar.

Depois Gloria jurou que jamais poria os pés deante do camarim de Pola e retirar-se-ia logo que a visse e tantas fez que acabou conseguindo pô-la dali para fóra...

Atualmente é Lilyan Tashman que tem o camarim mais vistoso do *lot* e aquela que todos já dão como "rainha", ali dentro. Ela está preparando um chá para jornalistas e convidados. E' um chá para a imprensa e para impressionar, tambem, aos proprios chefes, afim de que vejam que uma rainha assim considerada, merece, da parte dêles, outras tantas considerações magestosas...

— Os vestidos são as minhas metralhadoras! Politicamente falando, ser tida como a "mulher mais bem vestida de Hollywood" é para mim uma vantagem. Aguardem e saberão porque, depois... E ela tem tudo para subir, realmente. Principalmente uma cousa: senso politico! E isto é o principal, póde-se dizer.

A verdade é essa: Lilyan era corista de Ziegfield. Hoje é quasi *estrela* com a Paramount e tomou o logar deixado vago por Kay Francis. Será *estrela*, sem duvida! Não só á ela tem beneficiado com a sua orientação admiravel. Edmund Lowe tem sido, igualmente, feliz e bem pago graças á ela. E' ela que lê os films que lhe dão para viver e os aprova ou não; ela que gira com todo seu dinheiro; ela que dá

entrevistas por êle e conta aos jornalistas "balões" de 3.500 *dollars* ou 4.000, mesmo, de vencimentos semanais para o marido... Politica !

Uma das cousas que em Hollywood não é bôa politica, é recusar qualquer convite para ir á casa de Marion Davies. Lá reune-se o que ha de melhor na sociedade de Hollywood e, além disso, ela é

Interna

quasi uma tradição Cinematografica que todos amam e os produtores admiram. Nela está o segredo da vitoria de muita gente bôa que por aí anda...

Igualmente é ordem um convite para ir a Pickfair. E' cegueira politica regeitá-lo. Além de tudo, são reuniões que põem certos artistas sob as vistas de seus produtores e, assim, melhores oportunidades lhes dão para uma rapida acenção ao sucesso definitivo.

Ha anos passados, lembro-me, Winfield Shechan, gerente e diretor geral da produção da Fox, veiu de New York, onde reside e, em Hollywood, adoeceu gravemente. Raoul Walsh e sua esposa — naquêle tempo Miriam Cooper — receberam-no em casa e trataram-no como se fosse gente da familia. Uma grande e profunda amizade resultou disso. E' logico que Walsh não precisa ser politico ! A amizade do diretor geral de producção não é bastante, para qualquer diretor? Tanto mais que Walsh faz por merecê-la, com os bons e constantes trabalhos que apresenta. Um diretor para vencer, em Hollywood, não precisa de bons argumentos, não. Precisa de bôa camaradagem com o produtor..

O mesmo, mais ou menos, aconteceu a Marie Dressler em relação a Frances Marion. Esta adoeceu em New York e de muito lhe valeu Marie Dressler, nos palcos então, que até dinheiro lhe deu. Anos depois, em Hollywood, sabendo Marie sem emprego e falida, Frances mandou buscá-la, por sua conta e lhe deu oportunidade, com a M.G.M., que são as que conhecemos, entre as quais *Lirio de Lodo*, recentemente exibida, fóra um contrato esplendido e oportunidades sem conta. A entrada dela para o elenco dêsse film, de *Anna Christie* e muitos outros, foram obra exclusiva da sua bôa *politica*, em New York, quando valeu á amiga desamparada numa cidade desconhecida. Na M.G.M., NormaShearer é quem tem a melhor escolha em histórias, diretores, galãs, operadores, etc. Greta Garbo vem em seguida e depois Joan Crawford. E' preciso não esquecer que Norma, apesar de ser uma artista admiravel, é acima disso, esposa de Irving Thalberg, chefe geral da M.G.M., e de toda sua produção... Muito bôa politica a nossa amiguinha Norma, sem duvida...

Greta Garbo não é politica, vocês dirão. Concórdo ! Ela não parece, porque esconde. Mas, na verdade, é a mais formidavel delas todas... Ela é prepotente e dominadôra. Conseguiu êsse prestigio a custa, apenas, da sua força de vontade e de muito fina politica...

Joan Crawford aprendeu mais devagar do que Norma Shearer, mas aprendeu muito direitinho, tambem... Ela luta principalmente por bôas historias. *Laughing Sinners* (segunda versão de *Complete Surrender*, tendo Clark Gable no papel de John Mack Brown) foi um péssimo film, um terrivel argumento. Ela sabia disso. Mas no momento mais lhe convinha aceitar do que recusar. Era questão de méra politica... Com isso ela terá mostrado o seu ponto de vista certo ao produtor e êste, guiado pela sua segura politica, jamais deixará de ouvi-la num outro caso semelhante...

Joan costuma experimentar galãs novos em seus films. Depois êles vão para a Greta Garbo e, em seguida, para Norma Shearer. Foi o que se deu com Clark Gable, (presentemente com Greta Garbo em *Susan Lennox*, depois de ter figurado ao lado de Norma Shearer, em *A Free Soul*), Robert Montgomery (hoje *astro* — bom politico, isso sim !) e alguns outros.

Eleanor Boardman em tempos regeitou um contrato, por falta de politica

Joan aprendeu mais de vagar...

Neil Hamilton foi um dos que não conhecia politica, em Hollywood. Quando chegava o seu momento, com a Paramount, sempre um dizia, na hora dêle entrar para o elenco: "Mas não ficará melhor Richard Arlen ou mesmo Gary Cooper?" E lá se ia êle para a cadeirinha, novamente, para esperar outro... máu film. Atualmente êle está com a M.G.M. Palavra, queremos muito ver si êle aprendeu afinal a sua politica certa.

Depois de *O Grande Desfile*, **Renée** Adorée poderia ter sido uma verdadeira Greta Garbo. Conservou-se modesta, simples, sem politica. O resultado?...

(Termina no fim do número).

Lilyan Tashman disse que os vestidos são as suas metralhadoras. Aqui está ela com a Condessa Valentine de Turkine, estilista do Studio...

(DO "JORNAL DO BRASIL")

Está terminada a filmagem de "Mulher"

Os studios Cinédia assistiram na noite de 30 a primeira festa. Carmen Violeta, a estrela de "Mulher", film-apresentação da fase de atividade regular da fabrica que a tenacidade inteligente de Adhemar Gonzaga críou, em regosijo pela terminação da filmagem ofereceu aos seus companheiros de trabalho e de ideal e a alguns representantes dos jornais cariocas um jantar intimo que transcorreu alegremente e encheu da mais viva satisfação a todos os que dêle participaram.

Houve dois discursos, o de Paulo de Magalhães, de incitamento, saudando todos os presentes, animado e alegre e o de Octavio Mendes, que dirigiu a filmagem de "Mulher" e ao qual gostosamente abrimos, a seguir, espaço pois focalisa com elevação, o motivo do jantar e as figuras que farão o sucesso na nova produção Cinédia. Ei-lo:

"CARMEN

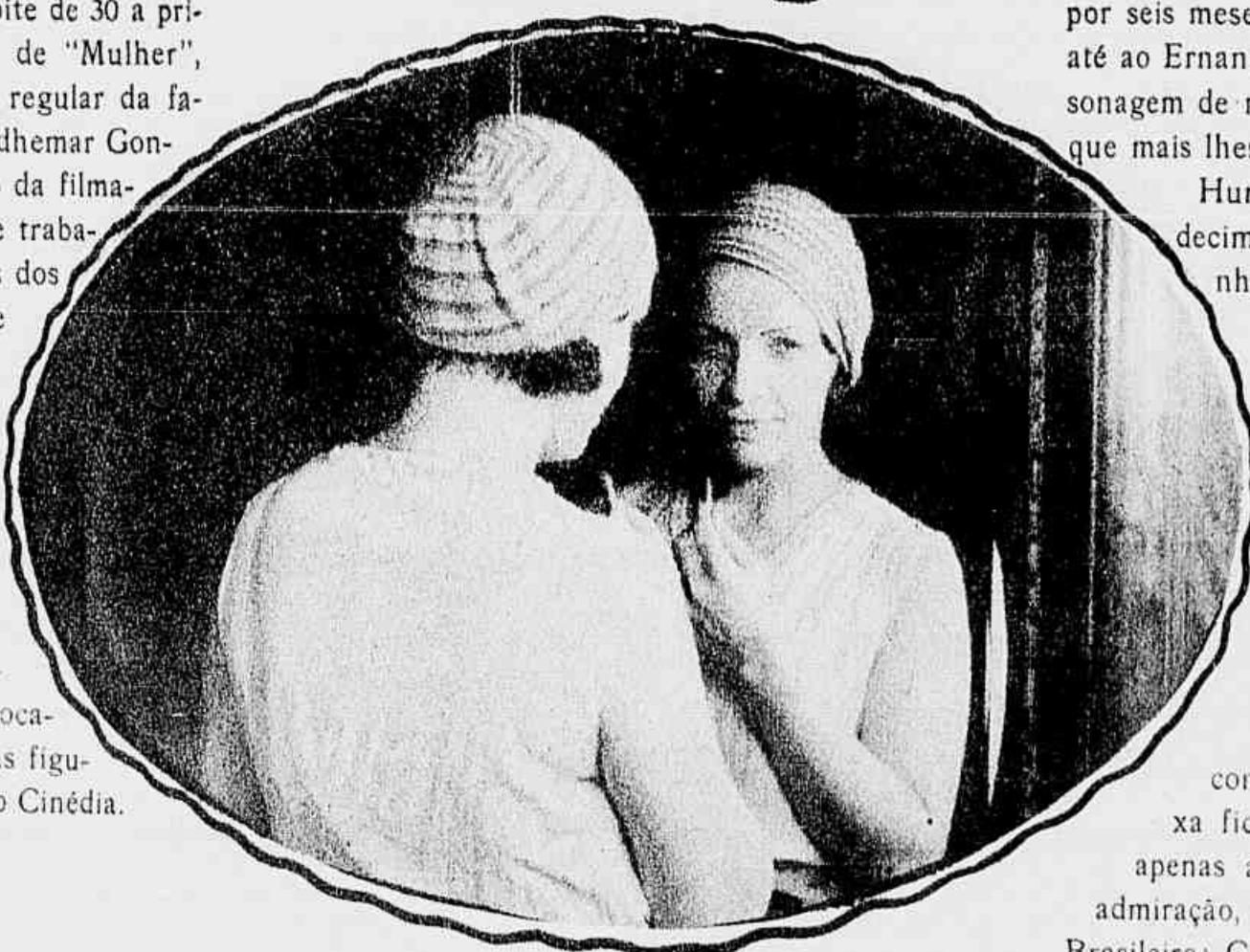
Você se lembra do nosso primeiro dia de filmagem?... Que engraçado que êle foi! Eu ainda a chamava D. Carmen e você respondia, não ouvindo bem: Senhor, seu Octavio?... Que calor fazia! Medonho! A' noite, quando repassei pelo cerebro toda a sequencia que haviamos filmado e quando refleti na responsabilidade toda que a Cinédia havia posto sobre nossos hombros, confesso que me senti abatido, desanimado, certo de que iriamos fracassar...

Não havia entre nós a minima compreensão. A cerimonia era tanta que quando precisei pedir-lhe que tirasse as meias para fazermos uma cena com seus pés na areia, recorri ao Celso, que a conhecia melhor, para que lhe solicitasse o obsequio... Depois, não sei porque, eu pensei que você não levasse aquilo a sério. Você ria demais! Era um riso estridente, metalico ás vezes e que trazia uma quantidade de ironia que era alguma cousa que causticava ainda mais a impressão errada que eu tinha de você.

Chegou ao total a soma toda dos nossos dias de luta. Terminei os trabalhos de camera, resta apenas manifestar-se o laboratorio para que tenhamos o nosso coheso esfôrço diante dos olhos daquêles que estimam o Brasil e animam os seus decentes esfôrços por qualquer cousa civilisada.

Agora eu posso falar de você... A nossa primeira filmagem, um ligeiro "test" das nossas possibilidades, mentiu. Patife! Com que mascara diferente fantasiou seu rosto sincero, sua alma colossal! Agora eu posso falar de você... Não dos seus olhos admiraveis e nem da sua fascinação pessoal. Quero falar da sua alma, do seu careter, do seu entusiasmo, dos seus sentimentos elevadissimos, da sua cultura e do seu coração. Carmen, você merece a admiração de todos nós que aqui estamos a seu convite, depois de erguermos as modestas paredes da choupana do nosso film, abrigados pelo lar generoso que é êste studio. Merece! Realizamos quasi um milagre: concluimos a nossa tarefa e todos nós somos os mesmos amigos que eramos no instante em que a Mitchell ainda não nos havia convocado para a batalha suprema do nosso ideal! Talvez nisto esteja muito de u'a mão invisivel mas poderosa e da qual ainda hei de dizer alguma cousa...

Você revelou-se uma artista magistral. Aceitou, compreendeu e viveu o seu papel como poucas o teriam vivido. Revelou-se sensivel nos momentos de emoção, delicada e meiga nos instantes sentimentais, sempre cheia do perfume inebriante da sua alma de artista. Deixando as cenas de parte, tenho a dizer que você foi cincoenta por cento do film. Na sua boa vontade, principalmente no seu entusiasmo e no seu altruismo, repito, encontramos todos uma especie de inspiração para os nossos passos. Com uma estrela como você, não ha pastor que não conduza seu rebanho ao aprisco da felicidade... Isto é sincero, saíu do meu coração.

Tivemos, Carmen, a felicidade de encontrarmos uma amisade solida que foi a garantia do nosso perfeito e mutuo entendimento. Com ela conseguimos burilar aquilo que seria dificil com um simples conhecimento e impossivel com qualquer incompreensão. Se o film fôr feliz e agradar a todos que o assistirem, eu apertarei a mão de um por um e lhe direi o quanto lhes sou grato. A você eu devo mais do que isso! Você foi a verdadeira alma do film e á alma nada mais se póde fazer do que votar-se-lhe um eterno agradecimento. Êste eu desde já coloco em suas mãos.

Esta reunião intima que você promoveu é alguma cousa que traduz um pouco da imensa gentileza do seu cerebro culto. Você quiz pôr, debaixo de um só teto, todos aquêles que com você cooperaram para entregarmos ao Gonzaga o film que os nossos sentimentos registraram. Feliz idéa! Só assim eu posso agradecer desde já a você e poderei, agora, dizer que me senti feliz em os conduzir pelas sequencias de um film ao final resultado que representa mais um pouco da luta que a Cinédia sustenta e mais um degrau acimentado para a conduzir á vitória desejada.

Celso Montenegro já era meu amigo quando ainda estava em S. Paulo e sempre quis trabalhar comigo. E' um rapaz que tem uma aparencia e outra alma. O seu bigodinho e o seu riso malicioso, não são a expressão exata do que é aquêle coração que eu bem conheço. Teve um unico defeito: confiou demais em mim e pouquissimo nêle proprio. Foi exageradamente sobrio, esplendidamente sincero. Parabens, Celso!

Alda Rios... Quanta cousa interessante ha a contar sobre ela e sobre o seu ingresso para o elenco de "Mulher..." Mas para que? Basta dizer que ela vive uma figura que no film inspira um poeta e quasi o faz pensar em abandonar a felicidade por causa de uma aventura... Alda ainda ha de brilhar muito. Ela tem a mesma viva chama de entusiasmo que anima a coragem de Carmen Violeta. O seu papel não é muito longo, mas é o suficiente para que se possa ver o quanto ela é boa artista. Obrigado, Alda!

Ruth Gentil... Você, Ruth, tambem merece a admiração dos que aqui estão. E' o segundo film em que você aparece. O seu papel tem muita margem para a revelação toda dos seus dotes de artista e você a soube aproveitar sabiamente. Muito grato, Ruth!

Augusta Guimarães, figura que os palcos bem conhecem e a camera já fotografou, tem um papel dramatico e bom. Fê-lo esplendidamente. Augusta, você aceite o meu agradecimento.

Tambem quero testemunhar a Luiz Sorôa, Milton Marinho, Carlos Eugenio, Ernani Augusto, Maximo Serrano, Flavio Lins, Manuel Araujo e a todos os outros da lista imensa de elementos que prestaram delicadamente o seu concurso ao film "Mulher..." a gratidão total da qual me considero devêdor. Todos representaram capitulos bem vividos do romance que se poderia escrever do nosso film. Desde o Sorôa, deixando por seis meses o cavaignac para o seu papel irritante até ao Ernani, desempenhando-se de uma simples personagem de mordomo. Vocês não precisam elogios. O que mais lhes posso dar é o meu grande abraço.

Humberto Mauro tem o meu especial agradecimento. Êle fotografou todo film, acompanhou ao meu lado a luta toda e ainda representou um papel que é uma das cousas na qual eu confio para o sucesso do film. Amigo, sempre cheio de bom humor, ocupa, no nosso trabalho, um nicho de destaque. Obrigado Humberto.

Agora, Carmen, volvamos os nossos olhares e dirijamos as nossas palavras de gratidão áquêle que sempre se conserva modesto, áquêle que sempre se deixa ficar espreitando, satisfeito, como se fosse apenas assistente, quando merece toda a nossa admiração, porque é, sem favor, o proprio Cinema Brasileiro: Gonzaga, meu amigo, amigo de todos que aqui estão, pessoa que tem sacrificado — já o disse alguem muito feliz — sua propria felicidade para construir êste lar que seria uma obra pública em outro país, mas que aqui é uma verdadeira e ousada locura.

O Cinema Brasileiro era o judeu errante da lenda. Não tinha lar. Gonzaga empregou, para construi-lo, tudo quanto lhe poderia ter dado um conforto total e um bem estar invejavel. Não sofre necessidades, certamente, mas priva-se de alguma cousa que o egoismo de outros talvez dela não se privasse, apenas para alimentar um ideal que tem sido o ideal de toda sua vida. Quem o conheceu ha seis anos, como eu o conheci e o vê hoje, lê, sem precisar falar ou ouvir, estampado no seu rosto, a luta que tem sustentado, a dura vitória que está conseguindo, talvez a propria saude que não póde ser a mesma com a intensidade de dois combates: pela imprensa de cinema que êle honestissima e decentissimamente sustenta e pelo Cinema do Brasil, utopia de hontem que hoje já tem um chefe idoneo para o apadrinhar.

Não é sómente essa a sua função. Êle zela por tudo. "Mulher..." ainda estaria na boa vontade de todos nós se não fosse o seu entusiasmo, o seu constante sopro de fé. Afigura-se-me sermos pequeninas chamas recem-nascidas que apenas o seu halito de criador faz viver.

Carmen: com sua licença eu converto esta homenagem que você presta á conclusão do nosso film ao Gonzaga, porque êle a merece e nunca a teve, condigna. Gonzaga, aqui estamos, filhos do teu entusiasmo, para te dizermos que o film que concluimos é mais teu do que nosso. Se mais não fizemos foi porque fôrças para tanto não tinhamos. Mas o que foi feito com o que eu aprendi na sua escola perfeitissima e com a côr de coragem, em todos nós, que é a sua principal virtude.

Para o Gonzaga, para a Cinédia, sua filha mais nova e tão querida e para você, Carmen, o penhor segurissimo da minha gratidão. Apenas quero que se orgulhem do que eu fiz com o fito de acertar e nêle não encontrem algo que vos desiluda. Só assim terei a felicidade de ter vencido o segundo combate, já que tão ingrata me foi a primeira luta. Não considero "A's armas!" o meu primeiro film. Considero "Mulher..." Aquêle foi feito orfão de carinho protetor. Êste, sempre aquecido com o ardor de todos vocês e as lições proveitosas do meu mestre.

Carmen, permita-me que lhe aperte a mão".

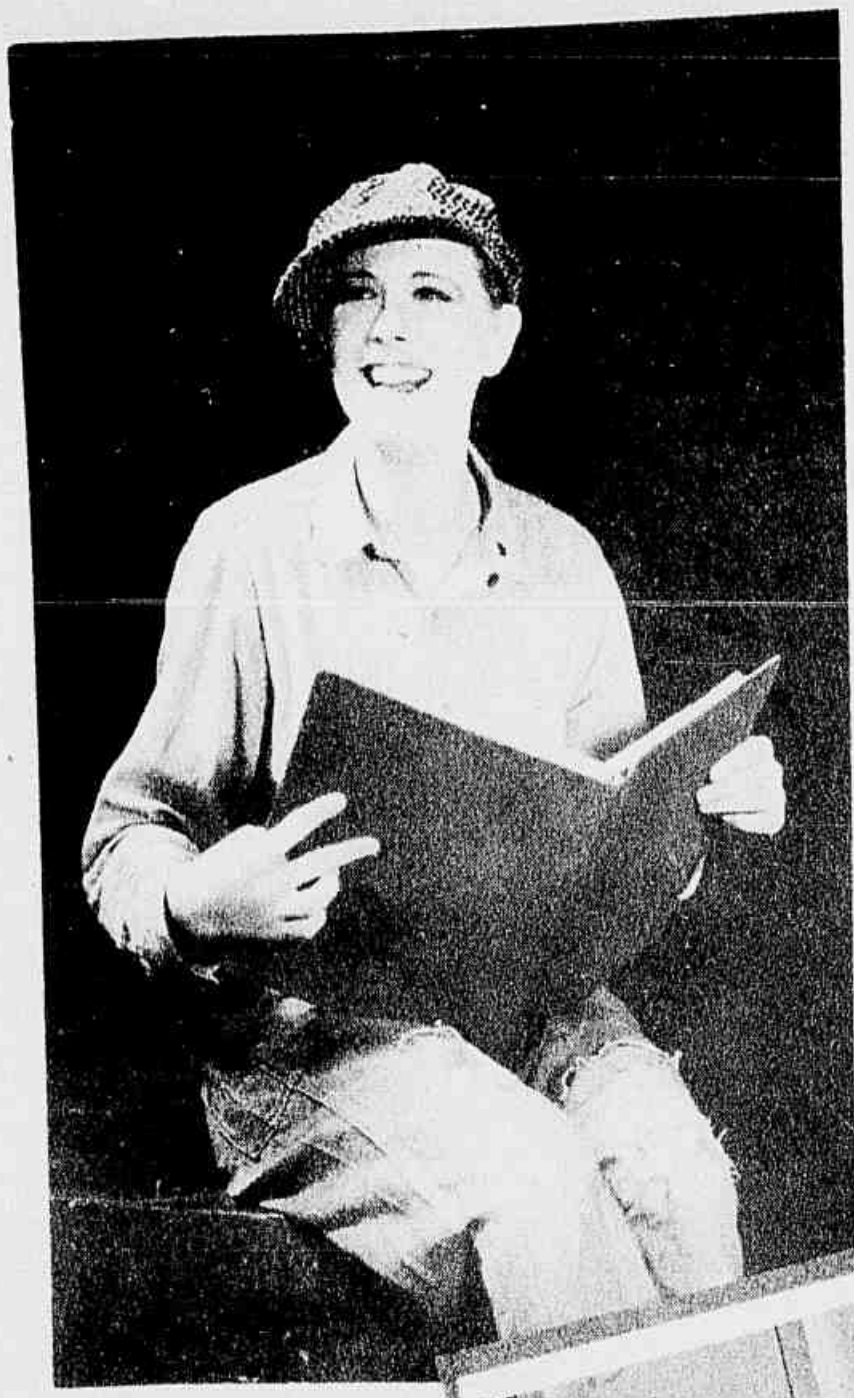
* * *

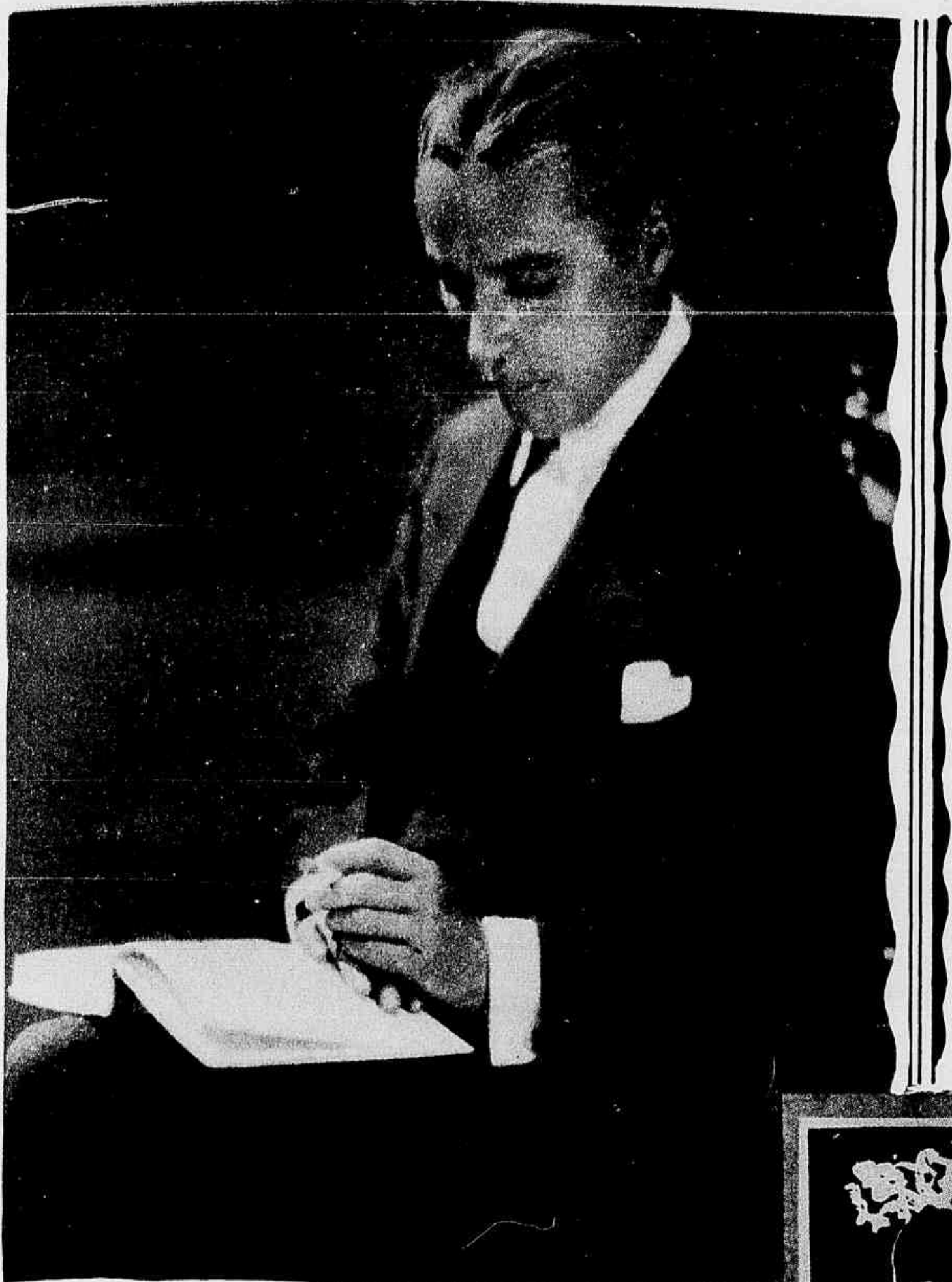
THE GOOD BAD GIRL — (Columbia) — Nada de novo e nem de diferente. Cousa conhecida. Diverte, entretanto, principalmente aos menos exigentes. Mae Clarke é a pequena e James Hall o "mocinho". Marie Prevost oferece comedia.

UMA NOITE DE FESTA NOS STUDIOS DA CINÉDIA

Adhemar Gonzaga, Presidente da Cinédia e director de CINEARTE, ao lado de Alda Rios, Lu Marival (sim, é nova, mas já venceu !), Carmen Violeta e Ruth Gentil, todas "estrelas" da Cinédia.

Aspétos do jantar intimo que Carmen Violeta ofereceu ao elenco de "MULHER" e ao qual compareceram: Mario Nunes, Paulo Magalhães e Joaquim de Oliveira.

A festa mais elegante e significativa que teve o Cinema Brasileiro.

Marilyn Miller...

Fotografías enviadas para "Cinearte" pela graciosa artista de "Sally" e "Sunny", acompanhadas de uma carta perfumada que ficamos uma porção de tempo a fitar...

CARLITO...

Escreve Douglas Fairbanks Jr. sôbre Carlito, o seguinte.

* * *

E' o homem mais facil de se compreender, no mundo e, no entanto, ninguem o compreende — talvez por isso mesmo... Tem várias excetricidades: efeito de dias do passado, quando, artista ambicioso de glorias, que era, esperava algo que não parecia possivel conseguir e que encontrou, depois, da noite para o dia, o mundo aos seus pés. Êle é um homem que tem sonhado. Fizeram-se realidade os seus sonhos e isto o pôs absolutamente amargurado. E' um dos homens mais vaidosos que conheço e dos mais ciumentos tambem. E' egoista, abaixo de qualquer tolerancia e ás vezes é de um altruismo até irritante.

Mesmo conhecendo os modos e costumes de Carlito, é impossivel deixar-se de o apreciar imenso. E' geralmente um bom amigo e bastante amavel. E' um conversador de cativante fala e interesantissimo. Ficará a noite toda discutindo um projeto do qual êle nada entende e é capaz, mesmo, de deixar os seus interlocutores certos de que êle é az na materia...

Carlito é intelectual sem ser inteligente. Pensa com uma rapidez espantosa. Gosta de ser tido como "diferente" e, na verdade, é um **poseur** inofensivo. Criado com pouquissima educação, discute, entretanto, os grandes literatos e suas obras e ainda que demonstre o seu incompleto conhecimento do assunto, mostra-se vivaz e genial, em certos momentos. Apesar de ser cordialmente contra qualquer contato com a sociedade, vive porque quer completamente manietado a ela.

E' um iconoclasta e em nada mais crê senão nêle proprio. Gosta imenso de saber ou notar que comentam a sua parecencia com Napoleão, particularmente no fisico. Aprecia a futilidade e, entretanto, é profundamente acanhado diante de qualquer sorte de público. E' artista, inegavelmente, dos pés á cabeça. Gosta que concordem com êle, sempre e, na maioria dos casos, tão cativante se torna e tão gentil, que qualquer um prefere concordar com êle a ofendê-lo com uma negativa. Aprecia muito as crianças e é imensamente sentimental. Diz frases profundamente romanticas, e, notando isso, corrige quasi sempre o romantismo da mesma com um dito sardonico, para despistar... Analiza qualquer cousa sob um ponto cientifico e recusa dar qualquer igualdade de condições ás mulheres. E' o primeiro a rir da sua propria deficiencia. Não conhece valor financeiro algum. A sua caraterização e a mimica são universalmente conhecidas nos menores detalhes. Gostaria de ser forte e musculoso, posto que seja pequenino e fraco. Apesar disso, no entanto, é capaz de derrotar o homem mais forte dêste mundo.

Tem pés pequeninos e suas mãos são afeminadas. Sabe usá-las como nenhum outro. Em tudo que faz é elegante. Gosta imenso de monopolizar uma conversa, seja ela qual fôr. E', de coração, um amigo sincero, embora ás vezes caprichoso. E' um trabalhador incansavel. Contrariado, entretanto, não move uma palha que seja. E' altamente sensivel e ofende-se facilmente. Detesta a aproximação da velhice e tem verdadeiro pavôr dos seus cabelos brancos, já bem espalhados pela sua cabeça. Gosta de jantar só. Dá longos passeios e, antes do almôço, dá grandes corridas em torno do seu jardim. E' um namorador incorrijivel e do que mais gosta é de ser tido como refinado Don Juan. A sua voz sofre um ligeiro sotaque genuinamente inglês mas êle se considera americano.

Considera o teatro uma fórma velha e morta de arte e crê de coração no Cinema como unica arte de representação mundial. E' demasiadamente observador e profundo conhecedor de pinturas notaveis. Não é apreciador de bebidas e nem fumante. Gosta de jogar. **Tennis** é o seu **sport** preferido. Ouve conselhos com toda atenção, mas não segue nenhum. Tem fôrça de vontade, principalmente em fatos de desejos materiaes. E' um soberbo musico e passa longas horas, em casa, executando sózinho peças e mais peças, ao orgão.

Gosta que o levem profundamente a serio mas poucas vezes retribue na mesma moeda... Jamais está satisfeito com seu trabalho e descobre em cada canto uma falha. A sua gargalhada é franca e põe todos seus lindos dentes a mostra. E' meticuloso no trajar. Apesar de ter tendencias femininas, é um homem-homem na ecepção da palavra. E' o companheiro, o amigo por exelencia, sempre divertido. Quando fala, gesticula e só cessa os movimentos de mão quando termina o que está narrando ou discutindo.

A vida, para êle, não é mais do que uma grande experiencia cientifica. Amou, realmente, a apenas uma mulher, na vida. Charles Chaplin viverá anos, sem duvida, na memoria de milhões de homens que o conheceram pelo Cinema e pelo Cinema o amaram. E' monotono repetir que êle é genial. No entanto, fôrçoso é dizer que êle o é e de maneira insofismavel.

Eis um pouco dêste grande homem que o Cinema consagrou e o mundo inteiro justamente venera.

The Bird of Paradise que a R. K. O. vai produzir será dirigido por Victor L. Schertzinger e terá Dolores Del Rio no primeiro papel. Schertzinger, na R. K. O., tem sido um dos diretores mais em evidencia e dos mais ativos.

* * *

John Murray Anderson, diretor de **O Rei do Jazz,** ao que parece, não fará mais film algum para a Universal. Terminou, recentemente, o seu contrato e nada mais lhe deram para fazer... Hoje em dia, meu "nêgo", conhecer tecnica de teatro e saber fazer revistas é até prejudicial, em Hollywood...

* * *

Nat Levino, produtor da Mascot, anunciou ha dias, ter contratado Harry Carey para um film em séries, antes dêle ir cumprir seu novo contrato com a Tiffany. Agora, alem, de Harry, contratou tambem Edwina Booth, companheira de Harry em **Trader Horn,** emprestando-a a M. G. M. Reeves Eason dirigirá. William Desmond, Joe Bonomo e Franckie Darro figuram. Ven Kline opéra.

GWEN
LEE...

A SUA POSE DE
CHAPE'U E' ESPECIAL
PARA "CINEARTE"

Aqui entramos pela segunda série de curiosidades pequeninas, sobre Cinema, que, sem duvida, apreciam os "fans" conhecer.

Charles R. Rogers, diretor de produção da RKO-Pathé, declarou, recentemente, á jornalista Louella O. Parsons, o seguinte, relativamente ao problema de "gente nova" para os films.

— Devemo-nos concentrar nos artistas famosos e familiares com o publico. E' inutil perder tempo, dinheiro e paciencia com a criação de novas notabilidades. Elas aparecem por si e não necessitam de impulso algum. Se os produtores empregassem todas as suas energias e todo seu talento no aperfeiçoamento das produções dos artistas antigos, em vez de o desperdiçar com a conquista de "gente nova", teriamos uma melhoria de 100% na produção geral de films.

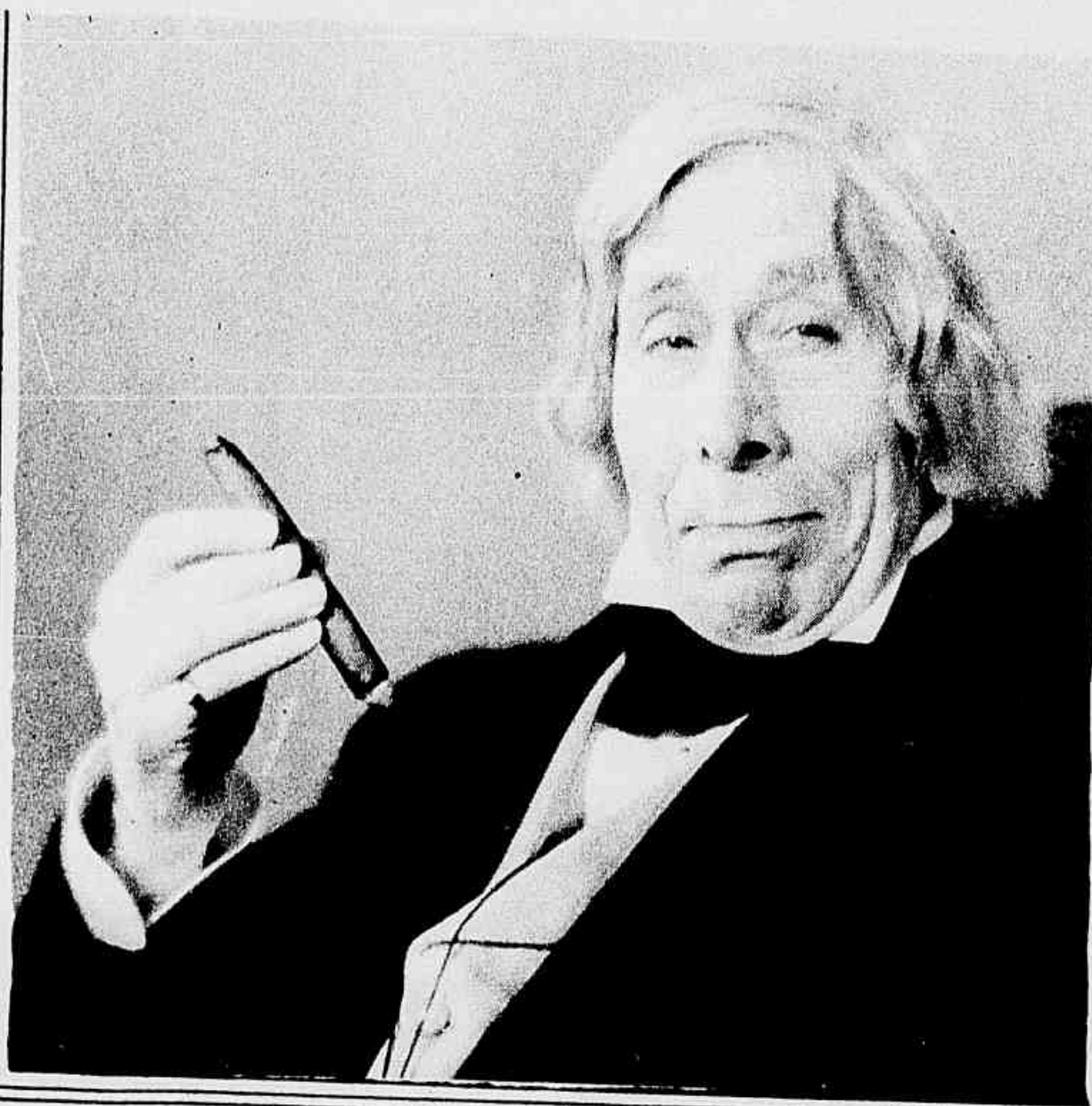
A RKO e a RKO-Pathé, aliás, estão ativamente conquistando nomes antigos e brilhantes do Cinema. Pola Negri, Dolores Del Rio, Erich Von Stroheim, alguns osros, ainda, que serão na ocasião anunciados. O que lastimamos, apenas, é que a produção dessa fabrica seja tão mal distribuida entre nós. Iremos vendo films os mais antigos e nunca acompanharemos a sua evolução progressiva e rapida, das mais vitoriosas e subitas que têm conseguido quaisquer fabricas americanas. O Programa Matarazzo, que tem parte da produção, distribue-a com grande morosidade. Devia haver aqui uma agencia propria, distribuidora.

O engenheiro Lee De Forest, tecnico eletricista conhecidissimo e ao qual muito deve o Cinema falado, acaba de inventar e pôr em circulação um aparelho proprio para pessoas surdas ouvirem os films: falas, musicas, sons, etc. No Hotel Biltmore, de Los Angeles, fez êle as suas primeiras experiencias, ha dias e elas foram coroadas de exito. O aparelho é sensibilissimo ao menor ruido. Consa de um pequeno microfone, colocado proximo ao alto-falante do palco e ligado, por fios, ás cadeiras proprias para os surdos, que, por sua vez, têm, todas, instalações especiais para recepção dos sons, por meio de um fone igualmente potente. As experiencias estão sendo feitas em conjunto com Charles H. Lehman, de New York e, associado a De Forest na exploração dêste invento que vai favorecer a milhões de surdos, do mundo todo, que ha tanto se vêm privando de assistir a films falados.

Booth Tarkington, conhecido escritor americano e de cujos argumentos muitos films já foram feitos, particularmente uma serie com Thomas Meighan, do qual, aliás, êle é muito amigo, declarou ao "New York Evening Post" que se se introduzir o Cinema falado no lar, como já se tem introduzido o Cinema de amadores, a leitura morrerá, completamente, porque o radio ligado á projeção, oferecendo um espectaculo tão interessante aos olhos e favorecendo igualmente aos ouvidos, nada poderá dete-lo na sua marcha triunfante.

Até lá, Mr. Tarkington, muita cousa ainda pode acontecer. Inclusive acabar o mundo...

Roy Del Ruth, diretor da Warner Bros., declarou, recentemente, o seguinte sobre o problema das "caras bonitas" para o Cinema e dos antigos idolos que foram afastados para dar entrada agente de teatro:

— Os produtores descobriram, afinal, que o publico quer os seus idolos representando. Desconheceu-se o processo "estelar", isto é, o de "estrelas" conhecidas do publico. Mas êle voltou, porque o publico não tolerou a substituição por gente de teatro. De vez em quando, da obscuridade, surge um artista ou uma artista que se fazem celebres, aplaudidos e queridos do publico. E' inutil tentar dissuadi-lo de que ela nada vale ou êle para nada serve. O publico os quer e está dito tudo. Pode ser "tudo" a peça, como já dizia Shakespeare, mas quando êle disse o aforismo, estava o Cinema ainda em projeto, no cerebro dos seus primeiros pais. E' logico que as "estrelas" devem ter bons argumentos, para viver e conseguir pleno exito. Mas a verdade principal, entretanto, é que no Cinema, bem diferente do que se dá no teatro, uma boa, ótima ou formidavel peça, mesmo, de nada vale se não tiver gente fotogenica e querida do publico representando. Não vale apenas a idéa. As ilustrações precisam ser igualmente boas. Não existe ator algum que tenha subido do dia para a noite á fama. Os passos são lentos. Mas quando chegam ao sucesso, não mais descem, porque, apesar de tudo, o publico é mais fiel do que dizem.

GEORGE ARLISS

COCK-TAIL...

O "New York Times", recentemente, diz o seguinte a respeito do film inglês, referindo-se a um artigo de Herbert S. Oakley, subordinado ao titulo "A Sorte dos Films Ingleses", publicado na "Fortnightly Review".

Diz, o articulista, que depois de uma certa época para cá, caíu profundamente a produção americana importada pela Inglaterra e subiu extraordinariamente o film inglês. E' que antigamente o film americano, silencioso, tinha seus letreiros lidos em qualquer sotaque genuinamente britanico e, assim, nada de anormal havia para o mesmo. Hoje, entretanto, os "fans" ingleses encontram o "argot" americano substituindo velozmente o lento falar inglês e, assim, para a Inglaterra morreu, de vez, a produção americana. A Inglaterra desiludiu-se com a pronuncia americana e ha films, mesmo, que êles não entendem nada dos dialogos... Quando o film é de "underworld", então... Mesmo sendo falado um inglês comum, o inglês não aceita. Êle quer o inglês falado por genuinos ingleses. Caso contrario, tudo perdido... Bem por isso é que a British International Ltd. e a Gaumont-British ,Ltd. têm tido, ultimamente, um aumento sensivel de films, ao passo que o film americano tem decrescido extraordinariamente. Cousas do film falado...

E' um caso para tratar dêle a "Associação dos Exibidores" da Inglaterra, cortando material de publicidade das revistas inglesas...

Russell Mack, diretor que teve bons sucessos na Pathé e que se acha presentemente com a Universal, diz o seguinte a respeito do problema "Ilusão, a maior sensação dos films":

— Tudo se poderá negar, menos que o publico procure, nos teatros e nos Cinemas, diariamente, exatamente o lado oposto que encontra na vida.

Anseia por ilusão, como se assim se afastasse das recordações amargas que lhe traz a existencia. Os homens querem esquecer as amarguras dos trabalhos. As mulheres, a cozinha, as panelas ou as costuras e as lidas com os filhos. Aliás a humanidade toda quer sonhar... Olhos que se conservam secos ao mais duro golpe do destino a que assistam, molham-se, choram, quando assistem a um drama feito de situações ilusorias... Labios que não riem, jamais, mesmo quando vêem alguem escorregando numa casca de banana, abrem-se francamente, quando assistem a uma comedia... E' por isso que tem vencido o film-ilusão. E' por isso que os produtores continuam sabiamente nêles.

Estamos com Russell Mack. O realismo bruto faz voltar o espirito á baixeza da vida. A ilusão enfeita a alma e dá sangue novo ao coração...

George Arliss assim escreve para o "Syracuse Herald" as suas opiniões sobre Cinema.

— Nada de tão estimulante para a arte dramatica, presentemente, quanto os films falados que os Estados Unidos fazem. Além de tudo, não parecem mais duvidosos os resultados que os films educativos-falados terão para as nossas futuras gerações, como sistema educativo. Ha, do film silencioso para o falado, uma distancia incomensuravel. Contar historias por meio de figuras, e, creio, o primitivo meio de educar. A fala auxiliará muito este antigo processo. O film falado, além disso, automaticamente leva á literatura e, assim, consegue varios beneficios numa só forma. Os maiores escritores do mundo terão suas atenções voltadas para o Cinema; a massa frequentadora dos Cinemas aumentará e mais se ilustrará, com certeza. Além disso, ha a boa e verdadeira musica que se pode ouvir acompanhando determinados trechos de um film e, assim, mais esta vantagem traz comsigo o Cinema sonoro. A minha experiencia, nos films, ensinou-me muita cousa util para a minha carreira em geral, é o que lhes garanto. Já empreguei êsses mesmos conhecimentos nos proprios palcos de teatros onde tenho representado, aqui e pelo mundo todo. E', acima de qualquer outra cousa, o valor da sinceridade que adquirí, principalmente, depois de haver ingressado para o Cinema. Senti, fazendo films, que o simples mover de uma sobrancelha significa muito para uma cena. O Cinema registra tudo, é certo. Mas o teatro mostra, igualmente, a naturalidade e, sendo de Cinema, aprende-se êsse valor que, aplicado ao teatro, aumenta o credito do artista. A arte da sobriedade e da sugestão por expressões as mais sensiveis, pode ser estudada com Charlie Chaplin, nos seus films. Êle, na minha opinião, é o melhor de todos os artistas de Cinema que conheço.

Sobre o interesse universal que cerca Charlie Chaplin, o popular Carlito, diz George Gershard, do "Evening World", o seguinte:

(Termina no fim do numero)

FUMAÇA DE POLVORA

(GUN SMOKE) — FILM DA PARAMOUNT

RICHARD ARLEN	Brad Farley
Mary Brian	Sue Vancey
William Boyd	Kedge Darvas
Eugene Pallette	Stub Wallack
Charles Winninger	Tack Gillup
Louise Fazenda	Hampsey Dell
Brooks Benedict	Spot Skee
William Arnold	Mugs Maransa
Carroll Nash	Mink Gordon
Stanley Mack	Jassy Quinn
Guy Oliver	J. H. Horton
William V. Mong	Strike Jackson
Dawn O'Day	A filha de Horton
Willie Fung	O cozinheiro chinês

Diretor: — EDWARD SLOMAN

Kedge Darvas e sua "gang" são forçados a deixar a cidade. As atividades dêles, na mesma, haviam sido muito intensas e, assim, antes que mimoseados fossem com um hotel e pensão do Estado, para longos anos de vida, retiram-se á pressa em procura de outras paragens menos civilizadas, embora, mas mais cortezes na recepção a cavalheiros decentes como êles...

A vila de Bunsen, em Idaho, é o ponto escolhido para as novas atividades da turma. Assim que são chegados, atestam-se como milionarios em passeio e por isso passam perante os olhos admirados e cegos de todos aqueles que ali habitam.

Sue Vancey, mais céga do que todos os outros, é a que melhor recepção lhes faz e recebendo-os em seu proprio sitio, põe-n'os á vontade para agir e pensar, forrados e cercados de todas as comodidades possiveis.

A Brad Farley, entretanto, não passara despercebido o mau carater daquêles visitantes. Êle era talvez menos ingenuo do que os outros, talvez menos facil de dominar e convencer. Kedge Darvas, entretanto, fôra uma cara que não fôra com êle desde o primeiro olhar. Os outros da turma tambem...

A posse á mãozinha deliciosa de Sue torna-se complicada para Brad que já a tinha como sua. E' que Kedge torna-se seu rival e a moça, céga pelo feitiço de uma aventura com um moço de cidade, esquece se de Brad. Kedge é tudo quanto ela já encontrou de melhor, na vida... Além disso, Brad nada mais era do que o chefe de um grupo de vaqueiros de magros vencimentos e tendo podido, com estimulo, ser alguem, na vida, preferira continuar na inercia intelectual e moral que o tornava pouco mais do que um pária e Sue, dada a aventuras e conquistas de novas posições, passou, assim, a votar as suas melhores atenções para o chefe da quadrilha Darvas.

Ha um jantar imponente que Sue oferece aos recem-vindos e ao mesmo comparecem não só Brad, como Stub Wallack, seu mais amigo e candidato á mão de Hampsey Dell, a cozinheira do sitio de Sue Vancey. No fim do mesmo, quando todos mais animados estão, propõem os vaqueiros um concurso de tiro ao alvo, certos deque os visitantes são uns ingenuos, para mostrarem, "á bala", as suas aptidões. A surpresa é grande. Se bons são os vaqueiros, quasi melhores na pontaria são os companheiros e "socios" de Kedge Darvas... A revelação oferece desapontamento a muitos dos vaqueiros, especialmente Brad que muito se queria á custa dos "ingenuos"... Como criminosos, entretanto, Brad não os vê. A tanto não chega o seu raciocinio de roceiro.

Dias depois, quando Sue e Kedge cavalgam pelas propriedades dela, as quais exibe aos olhos avidos de Kedge, encontram-se com Srike Jackson, tambem dono de algumas terras, ali que, louco de alegria, lhes conta que suas terras têm ouro e que êle conseguira, depois de muito tempo, ter a certeza que naquêle momento o empolga.

A' noite Kedge já tinha seus planos feitos e, no dia seguinte, pela manhã, punha-os em execução. Assassina Jackson e, num relance, apodera-se, "á bala" e a poder de astucia de bandido de grande cidade, de toda aldeia de Bunsen, telegrafo, telefones e tudo mais, ficando senhor dela até que seus homens tirassem, da mina de Jackson, tudo quanto fosse possivel tirar para garantir uma retirada feliz a todos da turma. Sue, Hampsey e Tack Gillup são mantidos como refens, para o caso de uma surpresa com a qual, astuto como é, sempre conta o chefe Kedge.

O chinês, cozinheiro do sitio, liberta a Tack e êste, ganhando um vazio entre aquêles homens, consegue escapulir-se e, a toda brida, alcança, vinte milhas distante, o grupo de Brad Farley que está em trabalhos de marcação de gado.

Doido, sedento de vingança, principalmente por se ver com a razão e saber, de fato, quem é o homem que lhe queria roubar a noiva, Brad e os seus atiram-se para a cidade. Quando chegam, entretanto, é pouca a resistencia que recebem. Dominados os poucos que ali estão, sabem êles que Kedge, a maioria dos seus homens, Sue e Hampsey estão para as montanhas onde se acham as minas de Jackson. Dirigem-se todos para lá e, quando se aproximam, verificam que é das mais estrategicas a posição que êles ocupam. Uma manada de cavalos selvagens, ali, resolve a situação. Montando dois dêles, Brad e Stub valem-se dos mêsmos para, provocando um estouro, entre êles, atirá-los, assim, contra os malfeitores que, surpresos, se deixam iludir pelo impeto dos animaes desconhecidos dêles e, assim, têm Sue e Hampsey arrebatados de suas mãos sem saberem como.

O combate inicia-se, furioso. Vendo-se perdido, Kedge procura a fuga sob a metralha constante dos atacantes que, "á bala", tambem, iam dominando aquêles profissionais do crime... Na fuga, entretanto, é interceptado por Brad. Êle quer a satisfação dos atos todos daquêle canalha. Atiram-se a uma luta furiosa, medonha, mesmo e Brad cessa só depois que o atira de um despenhadeiro.

(Termina no fim do numero)

EVELYN
HOLT

ESTRELAS DA UFA

DOLLY
HAAS

TRUDE
BERLINER

ANNI
MAKART

OLGA
TSCHECHOWA

O galã da Esquadra

(HIT THE DECK) — FIM R. K. O.

JACK OAKIE	Bilge
Polly Walker	Lou Lou
Roger Gray	Mat
Franker Wood	Bat
Harry Sweet	Bunny
Marguerite Padula	Lavinia
June Clyde	Toddy
George Obey	Clarence
Ethel Clayton	Mrs. Payne
Wallace Mac Donald	Lieut. Allen
Nate Slott	Dan
Andy Clark	Dinty
Dell Henderson	O Almirante
Charles Sullivan	Lieut. Jim Smith

Director: — LUTHER REED

Voltando de um cruzeiro pelo mundo, a esquadra americana atraca no Café de Lou Lou.

Nêle. Lou Lou e Lavinia, sua cozinheira preta servem café e "lunch". Mrs. Payne, o almirante e o tenente Alan ficam conhecendo a pequena. Lou Lou, sempre agradavel, diverte Mrs. Payne mostrando-lhe o seu colar de brilhantes que vale uma fortuna e, vendo-o, mostra a senhora o desejo de o adquirir dela. Lou Lou não o quer vender e a chegada de Bilge, um marinheiro simpatico e camarada põe ainda peor a vontade de Mrs. Payne que vê o seu ideal naquela joia. Lou Lou prontamente interessa-se por Bilge e êle lhe conta, tambem á primeira vista apaixonado por ela, que um navio cargueiro, simples, é toda a paixão da sua vida e, mudando de prosa, depois, diz-lhe o quanto a acha agradavel e o quanto já se está interessando por ela. Nesse momento retiram-se para os navios os marinheiros e Bilge, sem tempo para siquer se despedir de Lou Lou, deixa-a já saudoso.

Mrs. Payne, afinal, consegue comprar a joia de Lou e ela, sempre procurando Bilge, sabe que êle está em terra. Não a encontra, é logico, porque ela agora tinha outra aparencia e até casa propria tinha. Mas ha um recurso e ela apela para êle.

E' Mrs. Payne. Lou a procura e lhe pede que consiga aproximal-a do homem que ama. A senhora promete que ha de fazer o que lhe fôr possivel e o que consegue já é o suficiente. O almirante oferece por isso uma festa a bordo e com o auxilio de Mrs. Payne consegue varios numeros sensacionais e esplendidos para alegrar á rapaziada e á sociedade que êles convidariam.

Durante o baile, ao qual Bilge chega tarde, Lou nada mais faz do que procural-o. Quando se encontram. Bilge, afinal, confessa-lhe o seu amor e Lou, doida de alegria, lhe responde:

— Sim, Bilge! Agóra, melhor do que nunca, é que posso ser sua. Lembra-se de quando queria comprar um cargueiro para deixar a esquadra e ser feliz?... Pois eu enriqueci e teu é o meu dinheiro...

Longe de aceitar, Bilge enfurece-se com a noticia e retira-se deixando a Lou perplexa.

(Termina no fim do numero)

Dão-se as mãos, na vida moça de Dolores Del Rio, alegria e drama, satisfação louca e tragedia, emoções tristes e alegres, as mais violentas.

O que de novo aconteceu á sua vida, os jornais noticiaram, mentindo, alguns, acertando, outros. Mas em geral mentindo...

Disseram que ela:

Esmagou o coração do esposo causando-lhe a morte.

Foi motivo para o divorcio de Edwin Carewe e Mary Akin, sua eesposa.

Provocou duélo entre Edwin Carewe e Jaime Del Rio, seu marido. Duélo que nunca se realizou, aliás...

Unico motivo de ter Lila Lee ido para um sanatorio: roubara-lhe o amante.

Envenenando a confiança de uma esposa no seu marido e causando a consequente separação de ambos. (Caso promotor Gunther R. Lessing e senhora).

Ser bruta e indelicada para com a sua patricia Lupe Velez.

Ter facinado tão astutamente a Cedric Gibbons que êle atirou-se aos seus braços esquecendo-se dos outros, igualmente mornos, da sua leal e necessitada amante Aileen Pringle.

Todas estas acusações, no entanto, cem por cento falsas!

Aqui está, em resumo, alguma cousa do muito que se disse de Dolores. A sua carreira de Cinema, rapida, violenta e admiravel, tornou-se a inveja de Hollywood. Por que nos admiramos, hoje, de tudo quanto por ventura lhe haja sucedido?...

DOLORES...

Ha meses Hollywood lhe déra o passaporte de derrotada para sempre. Isto é: carta radicalmente fóra do baralho. Aconteceu isto justamente num dos dramaticos momentos da sua existencia que se seguira a três acontecimentos importantissimos para a sua vida. Casara-se com Cedric Gibbons. Semanas depois caia seriamente enferma. Um mês e três dias depois disso perdia o seu famoso e esplendido contrato com a United Artists, contrado que lhe dava nove mil **dollars** por semana enquanto **trabalhasse** e que estaria vencido se ela deixasse de trabalhar **quatro** semanas com o film estudado e em vias de começar **The Dove** havia sido estudado e ia começar antes dela caír doente. Como os medicos lhe disseram que morreria se tentasse o esfôrço que premeditára, resolveu perder o film e o contrato tambem e foi que aconteceu. Era fim...

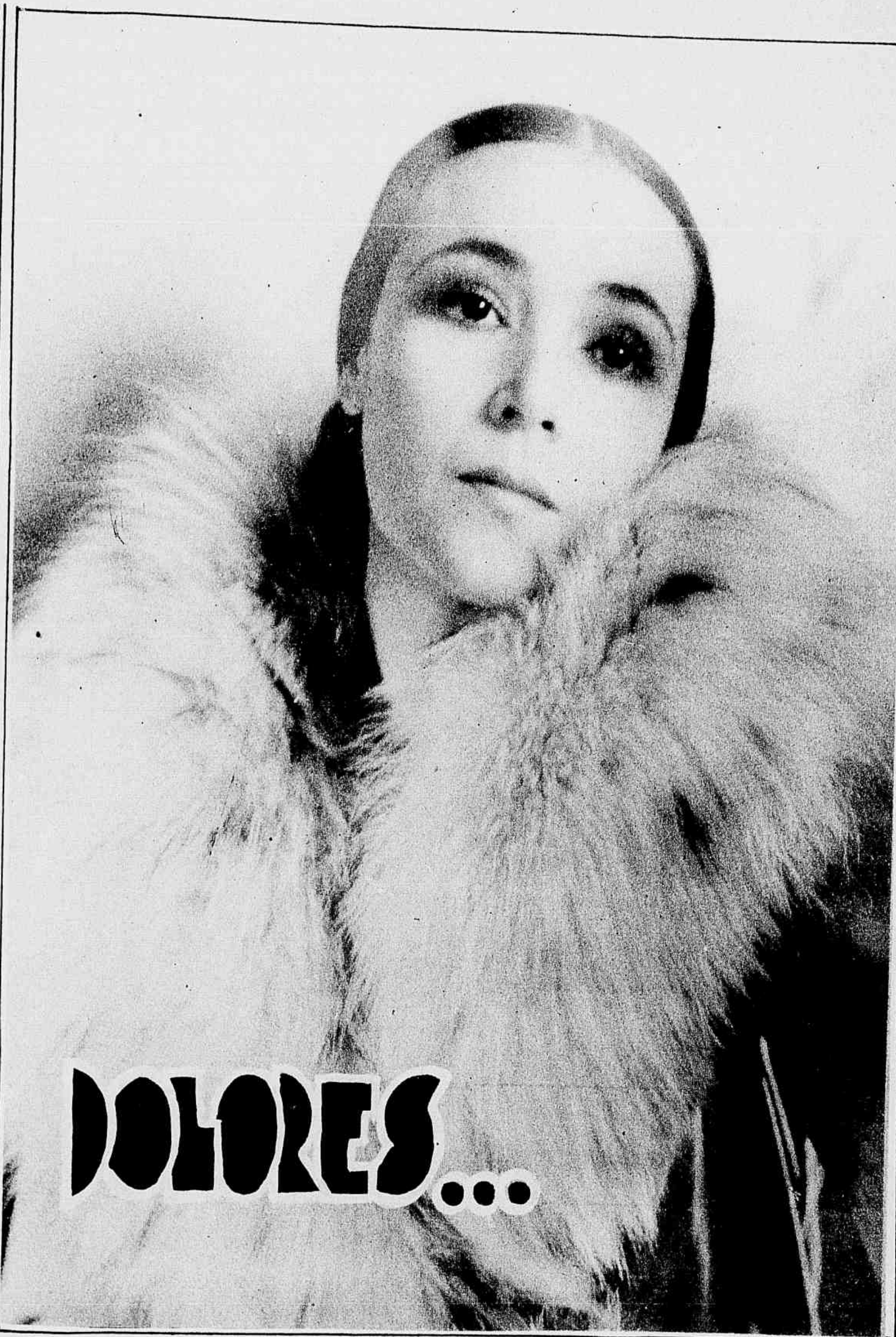
Deram-se festas aparatosas. Dolores não comparecia. Já pouco falavam nela e quasi ninguem se lembrava de que ela existia... Alguns diziam que "parecia" que estivesse doente e assim corriam os dias.

Ha semanas houve a agradavel noticia de que ela assinára um longo e esplendido contrato com a Radio Pictures e que o seu primeiro trabalho, nêle, seria o tal azarado **The Dove.**

Foi o suficiente para que corressem as noticias mais maldosas que já se escreveram a respeito dela: que Samuel Goldwyn e a United Artists estavam esfregando as mãos de contentes por se terem livrado dela, uma **estrela** que, afinal de contas, tinha dado, com o seu ultimo film exibido, **A Tentadôra,** um prejuizo regular. (Não é certo: deu lucros e dos maiores!).

Não creio que Samuel Goldwyn tenha feito isso. Eu o conheço e o reputo um dos mais sinceros e corretos homens de Hollywood. Entretanto, se riu com malicia quando soube da assinatura dêsse contrato, vai rir amarelo, depois, porque Dolores é uma das maiores personalidades do Cinema e não será nada disso que lhe dará tropeços na caminhada que ora vai iniciar brilhantemente, temos a certeza disso.

E' genuino azar o que tem perseguido sua vida. Do berço aos dias do presente, nada mais tem feito ela do que sofrer os ataques continuos do azar. Uma desgraça segue a outra e quasi sempre ela está infeliz.

A sua história é conhecida e de nada vale nela insistir. Jaime Del Rio foi um casamento de conveniencia, acima de tudo. Alguns sofismaram que ela fosse de origem vulgar e êle um nobre. Não é certo: ambos são, isto é, êle era, de familias muito distintas do Mexico e das mais conceituadas. A união de ambos foi quasi que um interesse de familia para a fuzão de certos interessas até comerciais nêsse casamento envolvidos.

O caso, para nós de Cinema, é que **aos quinze anos,** ela já era uma senhora casada e dona de inumeros bens mas completamente abandonada no amôr que tanto queria ter ao seu lado, vibrante e que não se coadunava com o temperamento moderado e maduro de Jaime.

O casamento foi uma tragedia da sua vida. Dolores tinha a tradução do seu nome no quanto lhe acontecia diariamente. Era dificil suportar aquela situação sem queixas. Queria amôr! Queria vida! Tinha apenas a companhia de um ciumento cidadão mexicano que nada podia fazer pela sua esposa e patricia senão dar-lhe conselhos de quasi cincoenta anos e afagos que arrepiavam a alma daquela pobre criatura que vibrava de mocidade e encontrava, para ampará-la, braços que não eram aquêles com os quais sonhava. Até caréca era o nosso amigo Jaime, imaginem!

Afirmam, uns, que ela teimou contra a resistencia de Jaime quanto á sua entrada para o Cinema a convite de Edwin Carewe. Outros, que Jaime foi até exageradamente favoravel á mesma, certo de que seria uma curiosa aventura para ambos.

Quando chegou a Hollywood ela não falava inglês algum. Jaime era o seu interprete.

Lá, então, foi que ela compreendeu melhor que o amor que tinha ao seu marido era o amor que tem uma menina por um protetor ajuizado. Pelo mesmo motivo — ser Edwin Carewe um velho — não amou ela ao diretor dos seus primeiros films e o seu introdutor no Cinema. Todos a tinham como amante dêle e, no entanto, nem um beijo ela jamais lhe deu... Mentiras de imprensa e ironias de rivais que não vêem outros meios para conseguir desassossegar um coração decente.

Quando Jaime morreu na Europa, então, o escandalo havido foi medonho. Em todas as noticias ela figurou como causadora capital dêsse triste e lamentavel acontecimento.

Quem conhece o seu intimo?... Quem? Êsses que a maldisseram, nos seus comentarios, conhecem-na, por acaso? Sabem dos verdadeiros motivos dessa morte? Sabem se, realmente, foi ela a causadora?...

Não!

Crêem e só por isso inventam, mentem, difamam!

Cedirc Gibbons a nada disso ligou. Amavam-se. Êle a fez sua esposa.

Êste novo marido, esta nova felicidade, com certeza darão novo rumo á vida de Dolores. Tirarão, tenho certeza, o azar que a persegue.

O seu novo contrato lhe dará os films que ela merece.

Já é tempo de ser feliz!

* * *

Rich Man's Folly será o primeiro film de George Bancroft para a Paramount, pelo seu novo contrato. E' um argumento de Oliver H. P. Garrett, que, para Bancroft, igualmente, escreveu o assunto de **O Super Homem.** John Cromwell dirigirá.

MAXINE,
JERRY E
CONSTANCE.

JERRY KENNARD
E CONSTANCE LEE

Pequenas
da
Christie...
JERRY
MAXINE
MAXINE
CANTWAY.
MAXINE.

Napoles que Canta

(NAPOLI CHE CANTA)

FILM DA PITTALUGA

Anna Mari .... Carmela
Malcolm Todd .... Genny D'Ambrosio
Lyllian Lill .... Alice Baldwin
Giorgio Curti
Carlo Tedesco

Diretor: — MARIO ALMIRANTE.

* * *

Quando Genny D'Ambrosio deixou New York para visitar Napoles, a Cidade dos seus pais, tinha feito um pacto com sua noiva, Alice Baldwin, filha do diretor de um dos maiores jornais de New York: ambos gozariam a liberdade maior, durante êsse periodo e aproveitariam êsse resto de solteirice para depois entrarem para a vida seria á qual se prometiam ha tanto tempo, com verdadeiro amor.

A bordo, quando Genny, depois do navio em movimento, deparou com Alice, achou aquilo estranho.

— Não venho quebrar o que juramos, Genny. Disse-lhe ela,

— Vou a Napoles a convite de uma amiga e... não é por isso que tens aqui alguma cousa comigo e eu contigo...

E é de fato o que acontece. Ambos, cada qual por seu lado, goza o mais possivel aquela viagem e assim chegam a Napoles onde os espera um dos mais lindos e radiosos dias de todos quantos já ali haviam nascido.

A' tarde, depois do descanço necessario das agitações daquela manhã de desembarque, Genny vai a Margellina, afim de conhecer a casa onde nascêra seu pai e onde viveram alguns tempos, antes dêle nascer, já casados. Lá êle encontra uma outra familia que habita o predio e, entre as pessoas presentes, Carmella, uma napolitana de olhos negros e fascinação irresistivel.

Lua de Napoles, canções, ambientes, poesia, tudo fazem de Genny um momentaneo arrebatado. O beijo de Carmella não tarda a corresponder aos seus e, assim, sem esperarem, apaixonam-se violentamente um pelo outro. Alice não entra mais nas suas cogitações e Carmella, afastando tudo de americano que nota nêle, até Genariello o chama, apenas para evitar chamá-lo Genny. E assim prosegue, para ambos, o romance que se lhes afigura paixão e nada mais é do que impeto passageiro, na verdade.

Alice, por sua vez, em Taniello, nas suas canções e no romance das suas frases apaixonadas encontra o esquecimento para o amor e o noivado que a ligam a Genny. A' noite, enquanto ela beija o seu Taniello, Genny absorve de Carmella nos seus e assim esquecem-se êle de suas vidas e apenas vivem os romances que a poesia da cidade nêles faz nascer e viver.

Genny é fôrçado a fazer o serviço militar, seguindo as leis do País e, um dia, ferido no braço num ligeiro acidente de aviação, ao

ao qual corpo se incorporara, volta para Margellina onde provoca o encontro que ha tanto queria evitar, entre Alice e Carmella, pois ambas, sabedoras do desastre, apressam-se a correr em seu socorro, aflitas e apaixonadas.

Alice e Carmella defrontam-se. São raças diferentes, mentalidades opostas que se chocam numa luta intima. Carmella revela o ardor da raça. Alice, a frieza da sua aliada á certeza naquêle amor que não podia deixar de ser seu, apesar de tudo.

Desiludida Carmella, embora Genny ainda afirme amá-la, corre para os braços de Taniello a contar-lhe as maguas. Êste tambem sofre a sua, pelo abandono que lhe votou Alice e, assim, quando menos pensam acham-se diante de um padre que os casa para a felicidade de Alice e Genny que, afinal de contas, sempre se haviam amado e apenas haviam encarado naquilo tudo uma aventura e nada mais.

Ha uma festa Piedigrota e, nela Taniello ainda tenta agredir Genny. Sufocado na sua magoa, entrega de vez o seu coração sofredor a Carmella e ambos, fugindo dali, vão para um local onde possam chorar á vontade os corações desiludidos, com beijos quentes que lhes dessem a ilusão de que verdadeiramente se amavam...

Dias depois, num dos grandes transatlanticos de linha, Genny e Alice regressam a New York. Vão já casados e trazem no coração a certeza de que haviam sido muito desajuisados e tôlos. Genny havia completado o seu serviço militar e, assim, volvia á sua Patria e á de sua noiva, feliz, embora ainda levando da Napoles que canta uma recordação indelevel.

* **

TRAVELLING HUSBANDS — (R. K. O.) — Tolices, mas engraçadas, ás vezes. Ha malicia, mas tudo é bem velado. A cena entre Evelyn Brent, a mulher e Dorothy Peterson, a esposa, é, só ela, digna do preço da entrada. Boa representação.

* * *

The Road to Reno, da Paramount, terá Carmen Barnes e Charles Rogers nos primeiros papeis e Richard Wallace na direção.

O LAR DO
SNR. E
A SNRA. KEN
MAYNARD...

A VERDADEIRA VIDA de

2.° CAPITULO

Clarinha e Rex Bell, com quem, segundo novos boatos, ela vai casar agora.

(Continuação)

jamais teve uma boneca. A menos que estivesse doente, de cama, nunca deixava de comparecer ás brincadeiras das vizinhanças e, nelas, tinha papeis salientes. Uma vez perguntei-lhe onde tinha sido educada:

— Cursei escolas públicas. As historias que já se fizeram públicar de que eu me eduquei em colegios finos e caros são mentiras. Jamais tinhamos dinheiro para nada. Como haveriamos de o ter para um colegio caro? Meu pai fazia o que suas forças lhe permitiam. Jamais foi um vadio. Quando êle se casou, meu tio Harry Gordon disse a meu pai que temia que minha mãe fosse forçada a trabalhar, um dia. O orgulho de meu pai, até hoje, foi jamais ter consentido que minha mãe movêsse uma palha. Até fome passou, mas jamais deixou que lhe faltasse aquilo que fosse porventura necessario. Nunca tivemos banquetes e nem comemos caviar, mas tinhamos o nosso pão, café e ovos. Viviamos! Meu pai era descendente de franceses e ingleses e minha mãe, de ingleses e escosseses. Apesar disso, garanto-lhe, jamais fui usuraria como pintam aquêles de sangue escossês...

Clara parece-se muito com o pai. Êle tem os mesmos olhos e o mesmo sorriso. O mesmo modo dêle crêr nos outros, fizeram-no casar-se duas vezes mais, depois do seu casamento com Sarah e da sua consequente morte. Foram dois desastres. Êle tambem é generoso e tem varios pontos de contáto com a filha que adora.

——oOo——

Pobresa, tristeza e infelicidade eram os três espétros que constantemente giravam em tôrno de Clara Bow. Da sua infancia á sua mocidade, travou longo e profundo conhecimento com os mesmos... A's vezes, mesmo, Clara Bow não tinha muita cousa para comer. Nunca lhe faltou o alimento, na verdade, mas era pequena a quantidade e parcimonioso o seu restrito volume. Decidida, mais tarde, a seguir um curso comercial, qualquer, que lhe proporcionasse o meio financeiro de poder auxiliar seu pai, deixou o colegio que cursava ha dois anos, apenas e, quasi no analfabetismo absoluto, já começou a ingressar pela luta da vida.

— Eu queria ajudar meu pai a viver.

Disse-me ela.

— Queria, tambem, um pouco daquilo que as outras pequenas tambem tinham.

Nessa época os Bows residiam com um primo que lhes cedêra alguns aposentos da sua casa. Seu pai, que, do berço, era oriundo de bôa gente, perdera e deixára de lado todas as oportunidades de se educar com esmero para trabalhar e poder casar. Vendo sua filha na ignorancia, entretanto e ameaçada de assim continuar, desgostava-se imensamente e não ocultava a ninguem êsse seu intimo padecimento. Êle queria, a todo transe, que ela continuasse seus estudos assim interrompidos.

— Eu tinha apenas 3 *dollars* comigo, pequena, quando casei-me com sua mãe.

Dizia-lhe êle.

— Jamais fui capaz de ganhar mais do que isso, para economias. Quero que te eduques para que possas, um dia, ser alguma cousa que o mundo se orgulhe de ti! Eu fui vagabundo nas ruas de New York, quando garoto, mas quero, para o teu futuro, uma melhor perspectiva.

Clara acabou concordando que esperaria duas ou três semanas a ver se se podia manter sem necessidade de recorrer ao curso comercial que queria seguir. Um dia, quando faziamos *lunch*, no Studio da Paramount, disse-me ela que costumava, nessa idade da qual falamos, economisar o seu ultimo *cent* para ir ao Cinema. Pintava os labios com *rouge* e, diante do espelho ou com as colegas, sempre procurava imitar todas as artistas da sua admiração.

— Minha mãe.

Disse-me ela:

— Era demasiadamente religiosa. Quando eu me mostrava propensa á arte de representar, ouvia repreensão sua, na certa. Mas confesso que desde êsse tempo já acalentava o sonho de entrar para o Cinema. Uma vez, mais tarde, li, no *Motion Picture Magazine*, que ia-se apurar um concurso, em Brooklyn, para averiguar qual a pequena mais colosso para conseguir uma carreira no Cinema. Eu fui pedir conselhos a meu pai. "Se você me deixar figurar no mesmo". Eu lhe disse. "Farei tudo que me pede e voltarei ao colegio, mesmo..."

Robert Bow, uma das pessôas ás quais devo parte das preciosas informações que neste artigo estão, contou-me que êle tinha apenas 6 *dollars* comsigo quando Clara lhe pediu para figurar no concurso. Levou-a a New York e fê-la fotografar-se num dos bons profissionais teatrais que existiam. "Olhe-a". Disse Robert Bow: "Se lhe fôr possivel fazer retratos por 6 *dollars*, faça este porque eu lhe garanto que a pequena vai levantar o concurso. "O homem concordou e foram enviadas as provas ao editor da revista em questão. "Admito". Disse Robert Bow, "que era duvidoso." Disse a Clara que o concurso não seria honesto e que já haviam escolhido prèviamente a vencedôra. Era, para ela, tanto êsse concurso que nem siquer quiz discutir mais o caso. Quando voltámos para casa, depois de tirarmos as suas fotografias, censurou-me acremente a mulher por ter eu gasto o meu ultimo *cent* com fotografias.

"Mesmo que Clara vença". Disse-me ela. "Não permitirei que uma filha do meu coração seja artista de Cinema! Tenho sido religiosa, sempre e como tal não permitirei que minha filha siga semelhante carreira." Depois disso, quando Clara e eu queriamos cochichar sôbre o assunto, falavamos depois que ela adormecesse, de preferencia... Finalmente ela e eu fômos aos escritórios de Eugene V. Brewster então dirigente da revista em apreço e a qual promovia o concurso. Os juizes eram três famosos artistas: Neysa Mc Mein, Harrison Fisher e Howard Chandler Christy. O rapaz secretario dêle não nos deu muitas esperanças. "Temos milhares de fótos, senhor. Além disso a sua prova não se parece muito comsigo..." Disse o rapaz. Voltamos ela e eu completamente desencorajados para casa. A sua mãe, para a qual a simples menção da palavra Cinema era um sacrilégio, ouviu parte da nossa conversa e desgostou-se profundamente com o caso, não poupando censuras as mais ásperas para mim.

Clara sempre acreditou que sua mae, se fosse dona de bôa saúde, sentiria menos aversão ao Cinema.

— Ela me queria muito. Queria-me feliz, apenas e era êsse o seu maior sonho. Religiosa como era, entretanto, não podia admitir a idéa de pecar permitindo que eu abraçasse a referida carreira. Ela me ensinou a crêr, a orar, a pedir a Deus as suas bençôes. Você acha, minha amiga...

Disse-me ela, terminando e olhando-me bem nos olhos, um dia em que conversávamos num dos nossos inumeros encontros.

— ... que os mortos não têm outra vida e, sim, ficam em torno da gente rodeando-nos e pedindo para os nossos passos, proteção e felicidade?... Eu creio! Não que seja espirita, mas sinto, quando me acho em situação dificil, que minha mãe está ao meu lado, protegendo-me. Ela me ajuda sempre, a resolver os meus problemas.

Voltando a época em que ela aguardava o resultado do concurso, tornámos a dizer que sua mãe tinha profunda aversão ao Cinema. Tinham que saír nas pontas dos pés para ir saber resultados de concursos e todo cuidado era pouco. Depois de esperarem semanas, receberam um telegrama que pedia a presença urgente de Clara Bow nos escritórios da revista, á rua Duffield, em Brooklyn.

Clara trazia um vestidinho barato e feio. Velho, principalmente... Custou-lhe o mesmo 98 *cents* e fôra feito por uma de suas primas. Quando ela entrou para o gabinete privado de Eugene V. Brewster, encontrou, lá, outras pequenas e, todas elas esplendidamente trajadas, envergonhando-se muito com isso.

— Olhavam-me dos pés á cabeça e hoje, lembrando isso, compreendo eu o ridiculo daquêle espetáculo... O que eu queria naquela ocasião, entretanto, era saír dali e nada mais... Meu coração sentiase profundamente triste. Sentia-me ridicula diante de tanta pequena de fato! Ela não se sentia concurrente á primeiro premio. Sentia-se, além das suas forças, a última delas...

Quando chamaram o seu nome, não foi encontrada. O seu pai contou-nos alguma cousa dêsse memoravel dia da sua vida.

— Levantei-me quando chamaram pelo nome de Clara Bow. "Ela está presente mas eu não a encontro..." Disse, encabulado, a Mr. Brewster. Mandou êle que um rapaz de escritório que ali estava me auxiliasse na pesquisa. Encontrámo-la na rua, defronte ao predio, conversando com dois moleques e quasi entrando para um jogo que êles iam organizar... Quando entramos no escritório, novamente, uma das pequenas, uma que seria, provavelmente, a mais pintada e a mais ridicula de todas, disse, erguendo-se e olhando-nos e ao juri, em seguida: "se *isso* entra em concurso, considere-me fóra dêle!" Custei a conter

Mrs. Sarah Bow, quando sua filha Clara tinha 17 anos...

Clara para que ela não fosse logo ás de fato com a pequena...

Não falhava, mesmo nessa ocasião, o espirito dos Bows. Clara que ha minutos tremia de medo, pôs-se impertigada e enfrentou com toda calma ao editor. Eugene V. Brewster e dois dos juizes e mostravam-se admirados com ela, se bem que notassem a pobreza e o máu trato do seu vestido e do seu cuidado pessoal.

Novos insultos foram ouvidos, ali, quando se conheceram alguns dos resultados provaveis e quando souberam que Clara era a provavel vencedôra, revoltaram-se contra aquilo. George Fawcett era um dos que se achavam ali e um dos que ficaram presos pelos encantos espontaneos de Clara Bow.

As doze pequenas provaveis principais fizeram *tests*. Ficaram, delas, classificadas em primeiro, apenas Clara e uma outra pequena do Sul dos Estados Unidos.

Clara Bow

Foram para casa, depois dêsse dia e ficaram numa angustiosa espectativa, tanto mais que todo o geito era pela eleição da rival para o primeiro posto. Três dias depois receberam novo telegrama. Diziam-lhes que Clara havia ganho o concurso e que teria um papel importante num film e uma publicidade especial.

— Senti-me nervosa e feliz, nêsse dia, como em poucos da minha vida. Mas eu não podia permitir que minha mãe soubesse disso, porque não a queria ver morrer de desgosto. Eu gritava, quando podia: "Ganhei o concurso! Vou ser artista!". O primeiro grito, ela não ouviu e nem o segundo. Mas quando ouviu, desmaiou e tombou pesadamente ao sólo. Levou meia hora para voltar a si, tão violenta foi a crise. Eu disse a meu pai que talvez fosse melhor desistir da carreira. "Estás errada", disse-me êle. "E' a tua verdadeira vocação e, além disso, tua mãe não está realmente muito bôa do juizo. Quando ela souber do teu radical sucesso, terá melhor impressão do Cinema. Tal não se deu, entretanto. Mamãe morreu num hospital antes mesmo de completar eu o meu primeiro film. Talvez com saúde ela me compreendesse melhor e aceitasse com alegria a minha carreira.

O azar, como ja dissemos, sempre foi parte integrante da vida de Clara Bow. Pelo acôrdo do concurso, Clara Bow iria ter um papel no film *Beyond the Rainbow*, que W. Christy Cabanne ia dirigir. A estrela era Billie Dove, uma pequena saída do Follies. Ninguem disse nada a Clara Bow e ela, pelo film todo, passou sem saber que era preciso um sombreado debaixo dos olhos, que apenas devia pintar os labios de *rouge* e não o pôr no rosto, tambem, e, ainda, mais segredos dêsse espinhoso oficio.

O diretor, ocupado com o restante do elenco deixou que ela fizesse as suas cinco cenas sem ensaios e sem o menor cuidado com ela, que, na verdade, tinha muito pouca importancia. Sem ter informação alguma, entretanto, ela, apesar disso, continuou a sua marcha e não se deteve por preço algum, mesmo diante de cousas que ela absolutamente não compreendia.

Chegou, afinal, o dia da exibição de *Beyond the Rainbow* em Brooklyn. Robert Bow conseguiu suficiente dinheiro para que ela fosse assistir o film. Exibido o film, nem siquer fizeram a menor menção ao seu nome ou ao concurso. Isso, entretanto, era o menos importante. Nem uma das cenas em que ela tomára parte figurava no film!...

— Não poderei jamais esquecer isso. Pareceu-me o tombo definitivo de todos os meus ideais. Tudo quanto eu esperava, ruiu. Minha mãe, pensei, tinha toda razão: eu não devia ter tentado o Cinema, na verdade...

As suas companheiras convidadas, riram-se a custa dela. Foi um desastre completo!

— Tive os meus dias mais negros, nessa época. Usaram comigo de varias trapaças. Roubaram-me, descaradamente! Vi e compreendi, embora um pouco tarde, que os amigos aos quais muito confiava, eram refinados patifes. O dia em que assisti o film que não mostrava siquer uma de minhas cenas, para mim, ainda continuava sendo o dia mais doloroso de minha vida. Fiquei doente. Fiquei esmagada! Eu não quiz encontrar meu pai. Mas êle foi quem me confortou muito e me animou, de novo. "Sabia que tinham ciumes". Disse-me êle e continuou com outras palavras de fé. Seguiram-se dias terriveis. Eu não conseguia emprego. De Studio a Studio eu procurava aquilo que passára a ser a maior absecação da minha vida. "Venci um concurso". Dizia a todos. Êles se riam e apontavam-me centenas de outras extras que tambem haviam "ganho um concurso"... Minha mãe, gradualmente, peorava. Tivemos que a pôr num hospital, finalmente. O dinheiro todo que meu pai ganhava ainda era pouco para aquelas doenças sem fim... Quando peores estavam ainda as cousas, um dia pediram-me que fosse ao Hotel Algonquin afim de me avistar com o diretor Elmer Clifton e seu assistente. Meu pai acompanhou-me. Olharam-me, depois de curta analise e disseram: "Tememos que seja um pouco velha demais!". Eu tinha vestido roupas de minha mãe que estavam sempre melhores e, assim, ainda parecia mais velha do que era, muito mais, mesmo... Nos outros Studios diziam-me que eu era muito criança, muito gorda, muito magra, etc. Por isso mesmo é que eu havia tomado as medidas que me estavam, naquêle momento, valendo os apelidos de "muito velha" e muito "antiquada", para o papel que queriam...

Eu disse francamente a Elmer Clifton, olhando-o de frente: "Posso ir á minha casa e mudar os meus proprios vestidos? Digo-lhe, com toda sinceridade: não sou velha. Êstes vestidos são de minha mãe e a cinta tambem..."

Elmer Clifton deu-lhe o consentimento, sim. No dia seguinte voltaram a se encontrar no Algonquin Hotel, de novo.

— Vamos a New Bedford.

Disse o diretor.

— Levo-a comigo. Não posso dizer se você serve ou não para o papel. Preciso ver, antes!

Clara, com a mudança dessa atmosféra, alegrou-se muito e mudou o seu genio que já se ia tornando irracivel. Arrumou o pouco que tinha de si e seguiu com a companhia que levava Raymond Mc Kee, Marguerite Cortot e outros. Aliás estes dois casaram-se, mais tarde.

— Eu nao a queria deixar ir só.

Disse-me o pai.

— Um olhar a Elmer Clifton, entretanto, fez-me socegar quanto á companhia. "Escrever-me-á você?" Perguntei a Clara, e, nas duas semanas seguintes fiquei aflito á espera das primeiras noticias... Depois veiu um telegrama que dizia: "Sinto-me tão só, papai. Não poderia dar um pulo a New Bedford?" Tomei o primeiro trem. Quando eu caminhava para o Hotel onde se achava a companhia, encontrei-me com uma linda mulher. Com surpresa vi que sorria para mim e me abraçava, depois. Era ela, a minha Clara, completamente mudada, outra! E' que a pintura do seu rosto e os seus novos vestidos a tinham feito irreconhecivel para mim. Eu ainda hoje tenho gratidão por Mary Carr. Foi ela quem lhe ensinou o uso da *maquillage* e, ainda, nos vestidos novos que ela precisou comprar. Jamais Clara e eu esqueceremos essa mulher e o que ela fez pela pequena. Ela é a unica e principal responsavel pela vitória de minha filha e pelo brilhantismo do seu papel em *Rumo ao Mar* (Down to the Sea in Ships), o film em questão, dirigido por Elmer Clifton.

A vida, para Clara Bow, sempre foi, na verdade, uma questão de contrastes. Depois das grandes alegrias da sua vida vinham as grandes tragédias, imediatamente. A pequena de cabêlos de fogo que tem sido a vitima de muito comentario máu e muito juizo erroneo, afinal, sofreu muito e continúa sofrendo...

A exibição de *Rumo ao Mar* foi um triumfo. Os críticos, todos, elogiaram-na imensamente e puzeram-na no sétimo céu do sucesso. Raymond Mc Kee e Marguerite Cortot eram os heróes, mas Clara foi a verdadeira principal figura do film e isto não deixou comentario algum de citar. Tais foram os comentarios, realmente, tão importantes as críticas em torno do nome dela, que os donos do Cinema que exibia o film, com enorme sucesso, puseram o seu nome em luzes na fachada do mesmo, tambem.

— Jamais esqueci a violenta felicidade que me invadiu quando eu vi êsse nome em luzes. A vida tinha sido tão ingrata para mim que, sinceramente, eu duvidava da felicidade, nem que fosse para usufrui-la por alguns segundos apenas...

Depois do sucesso do film, as cousas começaram a virar. Ela começou a saír em companhia de amiguinhas, a receber rapazes em sua casa, amigos de suas amiguinhas e a gastar o seu magro dinheirinho com algumas roupas melhores.

Foi Willie (Clara pediu-me que não declinasse o seu nome de familia, porque hoje é um prospero negociante na Broadway, com familia e tudo o mais) que foi o primeiro pequeno de Clara Bow. As lembranças que êle terá dela, com certeza, serão das melhores, porque ela o seduziu e o atraiu violentamente. Não era êle o unico, entretanto, que via nela a realização dos seus sonhos. Era ela extremamente amorosa, extremamente jovem e muito inocente, principalmente. Eu sei disso, falando aqui, porque eu a conheci nesse periodo e vi tudo o quanto estou afirmando. Ela não sabia dizer o motivo pelo qual os homens a olhavam com desejo e sensualismo. Ela não sabia, mesmo, o que significava um homem querer assim a uma pequena. Ela *era* (eu o juro, se preciso fôr!) inocente! Mais tarde iria aprender, com certeza, que êles, os homens, são uma das cousas peores deste mundo, principalmente quando lidam com criaturas desprevenidas... A atração dos homens por ela, entretanto, dava-lhe a impressão de qualquer cousa sinistra que ela não sabia explicar mas que já a amedrontava muito.

Feliz com a idéa de que ela havia conseguido sucesso no Cinema, Clara foi a Coney Island com Willie. Foi ao Cinema com êle, tambem e um dia êle lhe pediu que o acompanhasse á uma festa em Brooklyn á qual iriam, tambem, varias camaradinhas suas. Ela propria contou-me êsse episodio.

— Jamais senti-me tão emocionada, em toda minha vida.

(Continúa no proximo número).

HELEN
JOHNSON,
ULTIMA
IDE'A
DA
PARAMOUNT

Maquina torta, hein?

Cinema de Amadores

(*SERGIO BARRETO FILHO*)

OS FILMS EDUCATIVOS

Falando, a respeito do Amadorismo, com pessoa de uma das nossas casas especializadas naquêle ramo de comércio, diziamos nós:

— No Amadorismo Cinematográfico, como em qualquer outro Amadorismo, os seus apaixonados dividem-se, sempre, em dois ramos distintos: os que se dedicam ao Amadorismo em questão para procurarem nêle a cultura e a educação propria, e os que nêle procuram simples e meramente uma diversão que, afinal, não se poderia negar, é de indiscutivel valor.

— Perfeitamente, estamos de pleno acôrdo consigo. Infelizmente, porém, êsse segundo ramo é dez vezes maior do que o primeiro. Note-se o número de clientes que vêm aqui procurar films para os adquirir. Faça-se uma proporção daquêles que realmente procuram films que educam, que desenvolvem a cultura individual, sobre aquêles que são postos no mercado, como aliás o senhor deve saber, e veja-se o resultado. Não chega a uns 10 por cento, na melhor das hipóteses. Se o senhor soubesse o número incalculavel de films educativos que estão para aí como se fossem um verdadeiro capital empatado, sem que ninguem se lembre dêle, não estranharia os esforços que nós procuramos fazer afim de movimentarmos êsse capital, esforços até aqui quasi infrutiferos, porque todos vêm procurar na nossa casa films comicos de Carlito, de Haroldo Lloyd, de Harry Pollard e outros grandes artistas do riso, abandonando os films educativos de indiscutivel merito.

Os nossos leitores, como nós mesmos, não poderiam aliás deixar de meditar um pouco nessas palavras que transcrevemos aí acima. Trata-se de um fato justamente real, e que ainda por cima não se dá apenas com os films, ou diriamos antes, apenas com as Cinematécas de nove e meio milimetros. O mesmo acontece com as Cinematécas de 16 milimetros, embora em menor escala, seja dita a verdade.

Poder-se-ia julgar que o amador, comprando os seus films, alugando-os mesmo, adequados para o tipo do seu projetor, fosse obrigado, embora involuntariamente, a promover a sua propria educação. A escolha do film, coisa aliás justa e um verdadeiro direito que não seria corréto negar-se ao comprador, impede aquela educação. O comprador entra na casa fornecedora, procurando um film para o seu projetor. O film procurado tem um fim: distraír. E' aliás essa a função do Cinema no Lar. O comprador procura o catálogo de films. E' logico, portanto, que a sua atenção seja dirigida para o capitulo que trata dos films comicos. O film educativo não poderá, no entanto, distraír da mesma forma, educando conjuntamente? Vejamos.

Não é a primeira vez que dizemos aqui ser o film educativo de tamanho reduzido o melhor meio e o mais efetivo para auxiliar as lições do professor de humanidades.

—Poderia ser utilisado até nas escolas, diz-nos aquêle ao qual nos referimos no inicio dêste artigo, e o material necessario para a sua projeção não seria tão custoso quanto o outro, proprio para se mostrar aos alúnos os films profissionais, de trinta e cinco milimetros.

Tomemos agora alguns exemplos mais praticos. Suponhamos que diante de nós se encontram alguns rapazes, estudantes de humanidades, e que sobre a nossa mesa se encontram um volume de História Universal, outro de Geografia, e mais outros quatro: Física, Quimica, Zoologia e Botanica.

Abramos a História Universal de João Ribeiro, com a devida licença, e leiamos á página 415:

"A estas cenas de Paris, correspondiam as formidaveis insurreições da Vendéa, onde fizeram quartel os realistas. O exército republicano de Dumouriez era batido pelos austríacos em Neerwinden! Marseille, Toulon e Lyon fôram submetidas. Toulon foi abandonada pelos aliados graças ao fogo de artilheria de um jovem tenente, oficial corso, de nome *Bonaparte*, que planejou e conseguiu tomar a cidade. Aqui começou a carreira do grande homem que havia de se tornar o maior genio militar dos tempos modernos".

Depois de lermos este e outros períodos, perguntamos: por que não projetar o famoso "Napoleão" de Abel Gauce? Julgam acaso que os estudantes de História não se interessariam em *vêr* a propria biografia do grande homem?

Abramos agora a Geografia Geral da autoria de Mario da Veiga Cabral. A' página 294, sob o capitulo Produções, diz o autor:

"Dos produtos da industria extrativa brasileira, destacam-se: a borracha, o cacau, a baunilha e a herva-mate".

Ora, depois de lermos periodos desse teôr, por que não projetarmos os seguintes films:

75 — Pathé — *O Cultivo da Seringueira* — 1 bobina de 10 metros.

76 — Pathé — *A Preparação da Borracha* — 1 bobina de 10 metros.

Tomemos agora o Tratado de Física Elementar, da autoria de Francisco Ribeiro Nobre, o qual, a partir da página 378 começa a falar sobre as maquinas térmicas, e mais geralmente sobre a maquina a vapor. Tratando dêsse assunto, o autor refere-se ao princípio de toda maquina a vapor, sobre os seus órgãos essenciais, sobre a caldeira e acessorios, cilindro, êmbolo e gaveta, condensadores e maquinas de expansão multipla. Dizemos agora, porém, que êsses princípios de maquina a vapor se acham circunstanciadamente reunidos, e explicados por meio de desenhos animados, em films para amadores. Por que não utilisálos exibindo-os? E nós apontamos ao leitor:

559 — Pathé — *A Maquina a Vapor* — 2 bobinas de 10 metros.

Abramos em seguida a Botanica de Laffayette Rodrigues Pereira. A' página 524, diz o autor:

"Para que se efetúe a germinação, é necessario haver um conjunto de condições, umas em relação á propria semente, outras externas, isto é, oriundas do proprio meio".

E mais abaixo êle define a faculdade vegetal do seguinte modo:

"Entende-se por germinação da semente a passagem da vida latente á vida ativa, mediante as condições já enunciadas".

Depois de lêr isso que fica aí acima, o amador não poderia deixar de interessar-se pela exibição de um film como o que vai anotado aqui abaixo:

56 — Pathé — *A Germinação de uma Fava* — 1 bobina de 10 metros.

Se, em vez da Botanica, tomassemos a Zoologia do mesmo autor, por que não deveriamos projetar, por exemplo, este film, em logardo outro?:

11 — Pathé — *Astérias e Ouriços do Mar* — 1 bobina de 10 metros.

As considerações que terminámos por apontar aqui ao conceito dos nossos amaveis leitores não deixam de ter a sua modesta importancia. Que o Cinema de Amadores póde educar a juventude no Lar ou na Escola, tão bem quanto o livro, isso é que é indiscutivel. E' que os clientes atuais dos nossos Cinematécas não procuram o film educativo porque êles proprios não os desejam, isso é que é inegavel. Os Amadores e leitores desta secção, estejam ou não de acôrdo conôsco, poderiam fazernos um grande favor, escrevendo-nos as suas opiniões a respeito. Seriam todas publicadas. O assunto é muito mais sério do que geralmente se pensa.

CORRESPONDENCIA

RAMÃO PLANELLA (Santana do Livramento) — Segue a carta, enviada pelo Sr. Archimimo Rebelo. Agradecidos pela remessa do seu endereço.

Mulher n. 2...

(*Continuação*)

Querem saber o que penso do Cinema do Brasil? Acho que caminha, como tudo no Brasil, para o progresso e perfeição. O primeiro passo, o mais imprtante e decisivo, já está dado. E agora êle vai em carreira franca para a vitoria. Acho que o Cinema do Brasil deve ser considerado como industria, apesar de ser uma arte admiravel. E' para ser firmado, como nos Estados Unidos onde êle é uma das principaes industrias. Para implantá-lo. E que precisamos ter um Cinema nosso, isto é indiscutivel. Um Cinema que mostre aos estrangeiros — que tão má idéa fazem de nós — as nossas belezas, o nosso progresso e o sentimento admiravel do Brasil todo.

— "Trabalhar em films é para mim um prazer enorme. Nunca sofri do "mal de ir para Hollywood", não, mas sempre desejei interpretar um bom papel num film. Como até hoje ainda desejo. Mas minha maior ambição, atualmente, é vêr filmado, com o meu desempenho, o romance italiano "Marion", tão lindo e tão cheio de sentimento brasileiro. "Marion", é um papel como os que adoro para representar. Meio Clara Bow, meio Janet Gaynor. Sinto que o "viveria" com sinceridade e ardor! Já traduzi "Marion", e minha maior alegria será sem duvida, quando vir filmado, comigo no principal papel, "Marion"!"

"Fan", como é Taciana, o que mais aprecia num film é a direção. Acha que ela sabe criar a personalidade de um artista. Admira imensamente os artistas e acha que todo artista deve assistir sempre ao trabalho de seus colegas. Para aperfeiçoamento, pois encontram-se neles grandes mestres.

No Cinema Americano, Taciana Rei divide sua adoração entre Richard Barthelmess e Norma Talmadge.

— "Richard é meu favorito. E' tão sentimental, tão sincero e admiravel! Não perco um film seu. Êste fanatismo por êle, vem desde que apreciei "Lirio Partido", ha muitos anos já. "Lirio Partido" é para mim, até hoje, o

(*Conclúe no fim do número*).

Lila Lee

FELICIDADE que VOLTOU...

Alguns escrevem histórias sensacionais a respeito de Mary Pickford. Jámais escreveram, entretanto, cousa alguma a respeito dêse principal fator. Talvez o ignorem. Mas o fato é que nunca escrevem a respeito. Além disso Mary não o anuncia e nem contrata um agente de publicidade para o ventilar suficientemente, pelo mundo todo...

Um ironico golpe do destino pôs-me ao par do fato. No dia em que me mandaram entrevistar Mary, meu pai achava-se enfermo e bem mal, mesmo. Os medicos não se mostravam confiantes. Mas o fato é que isso muito contribuiu para que eu soubesse do "caso" e em parte agradeço a entrevista, se bem que a tivesse feito sobre brasas, pois a todo momento contava receber a noticia chocante da morte do meu velho.

Mary partia para a Inglaterra, no dia seguinte e ia encontrar-se com Douglas. Conversamos coisas convencionais, superfluas. Havia, entre nós, a muralha que sempre ha entre a celebridade mundial e o jornalista. Além disso eu não tinha a idéa fixa na entrevista que estava fazendo. Pensavo no que me haviam dito os médicos acerca dos dias contados de meu pai...

De repente, quando eu menos esperei, Mary aproximou-se de mim, passou o braço pelas minhas costas e me disse.

— Vamos, confie em mim, minha amiga. O que tem?

Fui tomada de surpresa mas não discuti a sinceridade da sua simpatia. Esqueci-me de que ela era Mary Pickford. Esqueci-me de que ali havia ido para escrever coisas a respeito dela. Relaxei os nervos e, chorando, contei-lhe toda a miseria do meu sentimento ferido que ia mortalmente sofrer com a ausencia eterna daquêle que eu tanto venerava, na vida. Quando parei de falar ela me disse:

— Todos nós somos umas crianças, minha amiga. Ainda não aprendemos que recebemos da vida apenas aquilo que lhe damos, antes... Nós sempre procuramos enganar a Deus. Sempre lhe dizemos: "Creio em Deus! Mas, oh Deus, tendes, mesmo, a fôrça para me dar o que prometei?s..." Somos instinctivamente judeus... Jámais nos colocamos nas suas mãos. Queremos que Êle desça ás nossas... A doença de seu Pai não é incuravel. A menos que você não tenha fé! Você permitiria que eu o fosse ver?

Isto dito por uma das criaturas mais ocupadas de Hollywood a mim, uma estranha, afinal de contas... Disse-lhe o quanto me alegrava o seu generoso oferecimento.

— Minha mãe sarou, certa vez, quando não havia mais esperança alguma de a fazer viver. Os médicos a tinham dado como "caso perdido". Estava já além dos recursos médicos. Eu rezei. Rezei com todas as forças da minha alma! "Mãe! Você não vai morrer! Eu preciso de você! Sorri, Mãe!" Ela me olhou e sorriu. No dia seguinte ela melhorava, sensivelmente, a todos deixando perplexos...

Depois me disse.

— Se precisar de mim, procure-me. Não importa a hora. Procure-me!

E ela conhecia-me havia minutos, apenas... Quando eu saía de sua casa ela tirou de um vaso uma rosa lindissima.

— "E' para seu pai".

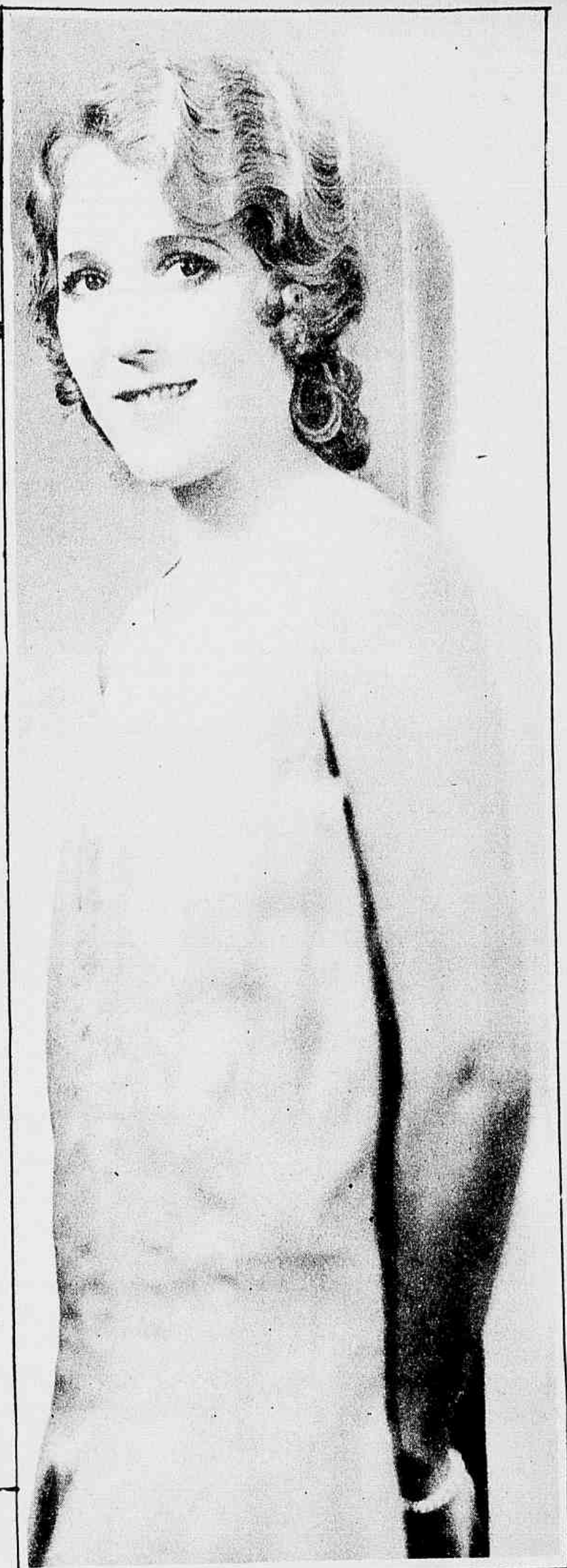
Ela, naquele momento, ia á visita diaria que fazia á cabeceira do leito de dôr da mãe de Syd Grauman. Todos sabem o quanto Syd admira e estima aquela velhinha de cabelos de prata que sempre o acompanhava nas "primeiras" dos grandes films, nos seus Cinemas. Em Fevereiro quasi a perdeu. Quebrou luma coxa num desastre de automovel e, pela idade, não mereceu a menor fé o seu tratamento, ainda que feito pelos melhores cirurgiões. Ai Sys procurou a sua melhor amiga, Mary Pickford.

— Mary. Faça alguma coisa! Eu sei que você a poderá ajudar!

Mary nada disse. Caminhou para a beirada do leito da velhinha e começou a lhe falar naquela sua voz meiga e boa. Tempos depois ela caía em profundo sono, o primeiro e aliviador sono que dormia depois do acidente que a ia roubando do convivio de seu filho. Dias depois deixava o hospital.

Ouvi a história contada pelo proprio Syd e afianço a sua veracidade.

Creia você, leitor amigo, ou não creia, que a religião é a unica cura possivel para os males da humanidade, eu lhes digo que Mary Pickford tem sido uma intermediaria quasi milagrosa de certas curas de Hollywood. Ela tem fé! E é nessa mesma fé que apoia todos os seus passos. A sua fé é que ela transmita áquêles que a perdem e, assim, não têm mais estimulo para enfrentar a grande luta.

"First Aide", da novela de Michael L. Simmons, é um do sproximos films da Sono-art. Grant Witsers é o "astro" e acompanham-no, em seguida, Phyllis Barrington, Marjorie Beebe, Donald Keith, Wheeler Oackman, William Desmond, Paul Panzer e George Cheesboro. Stuart Paton dirigiu. E' o tipo do film que ninguem não quer ver...

Ned Sparks foi passar suas férias em Quebec, Canadá. Está bem... E eu com isso?...

Frankenstein", o Film-misterio que a Universal fará, como segundo "episodio" de "Dracula", está sendo cenarizado por Garrett Fort, que tambem escreveu o cenario do primeiro e vai ser dirigido por Robert Florey que assim volta a dirigir nos Estados Unidos e tem, com êle, o seu primeiro film pelo seu novo contrato com a Universal.

Lupe Velez está aparecendo no Palace, na Broadway, em New York, antes dos films lá exibidos. Naturalmente á espera de um novo contrato que lhe venham a oferecer, porventura.

A TELA EM

CENA DE "O CÃO DE BASKEVILLE"

O DIREITO DE AMAR (The Right to Love) — Film Paramount. — Producão 1931.

Dois fatores enfraquecem êste bom trabalho de Richard Wallace: a dupla interpretação de Ruth Chatterton e o final do film que é forçado e não coincide com o notavel inicio do mesmo até ao meio. Excluidos os mesmos, temos um film perfeitamente digno de ser visto e de ser apreciado, tambem, principalmente pelo valôr de algumas descrições fotograficas lindamente imaginadas pelo cenario de Zoe Atkins e tambem por causa da fotografia que é notavel, toda ela e um fator para admirarmos Charles Lang, o operador. Richard Wallace dirigiu. Na realidade, mais não poderia ter feito. Inculcou profundo romantismo em certas sequencias e entrou pelo terreno ousado de certas situações com uma delicadeza que, só ela, recomenda o seu cerebro. Bom trabalho o seu

Ruth Chatterton, artista admiravel que é, viveu os dois papeis: Naomi Kellogg, a mãe e Brook Evans, a filha, com a sinceridade peculiar ás suas interpretações. Como Naomi teve oportunidade sem nome e delas todas aproveitou-se inteligentemente. Como Brook pouco mais teve a fazer do que parecer bonita e falar com uma vózinha mais moça... Na parte inicial do film, na descrição do romance de amor entre Naomi e Joe Copeland (David Manners — aliás um galã de grande futuro e muita personalidade) — ela esteve admiravel e muito feliz. Depois da morte de Joe, revelou a pujança toda do seu temperamento admiravel de artista dramatica. O film devia terminar quando ela se casa com Caleb Evans...

A sequencia em que ela sabe da morte de Joe, áquela em que o pai a ameaça com o chicote e rasga, em seguida, a fotografia do amante morto, são admiraveis. Auxiliada por esplendidas interpretações de Oscar Apfel, Irving Pichel e David Manners, Ruth sáe-se ás maravilhas. E Richard Wallace conduziu magistralmente essa fase do film. O final, se bem que descrevendo a atuação daquêle espirito materno sôbre a filha, não é tão feliz quanto o inicio. Ha boas cenas, sem duvida, como aquela em que Ruth, mãe, revela a Ruth, filha, o nome do seu verdadeiro pai e o mau sucesso que a revelação traz para a mãe amorosa e estremosa. Paul Lukas entra quasi no final e vive um homem do mundo que se apaixona por Brook Evans e a arrebata de uma missão em plena China. Vai bem, ainda que quasi insignificante seja o seu papel.

Como valor de cenario, basta citar a descrição fotografica da cena da sedução, terminando no "close up" dramatico de Irving Pichel e, tambem, os aspétos daquela maquina agricola que já dá a impressão de tragedia, quando fotografada em varios "close ups", adiantando o lance tragico que arrebata a vida de David Manners quando avista, nervoso, a aproximação do pai de Naomi Kellogg. O processo Dunning, que permite a passagem de uma mesma personagem sobre outra, vivendo uma artista só ambos os papeis, está admiravelmente bem aplicado e a não ser um ligeiro empaledicimento do positivo, nada mais se verifica. O maior defeito dêsse processo é a falta de realismo que tira de todas as cenas, pois não se admite mais, em Cinema, êsse negocio cacete de uma só criatura viver dois papeis e representar sequencias inteiras consigo mesma...

Do livro "Brook Evans", de Susan Glaspell.

Cotação: — BOM.

LUZES DA CIDADE (City Lights) — Film da United Artists. — Produção de 1930.

Incensado, embora, por aquêles que se dizem numa esféra acima do normal, isto é, mais acessivel ás benções espirituais dos "deuses" Carlito é o homem que faz o Cinema mais simples e mais despido de tecnica invular, nêste mundo todo. As suas historias são singelas. Os tratamentos das mesmas são crús e despidos de quaisquer dificuldades de realização. A sua direção pessoal é natural, sem apresentar as dificuldades que outras costumam apresentar, deslumbrando apenas pelo malabarismo das mesmas... Seus artistas são comuns, sem nomes formidaveis nas bilheterias e mesmo, grande parte dêles auxiliares particulares dos negocios que Carlito mantém além de Cinema, em Hollywood, como o caso de Henry Bergman, o suposto proprietario do Henry's na verdade um auxiliar de Carlito. A "maquilage" dos mesmos é ás vezes até deficiente. As montagens são as mais rasteiras e chãs que já temos visto. O que empolga, no seu trabalho o que é invulgar, é a sua inteligencia, a sua alma de grande artista, a simplicidade eloquente dos seus trabalhos, simplicidade mais eloquente e mais humana do que certas escolas sem logica que muita gente pensa que é Cinema.

Carlito é simples como simples é a sua caracterização. Êste seu film apresenta um unico "shot" ousado (ousado para um film de Carlito, entenda-se!) aquêle final, com apenas a cabeça dêle. Ha alguns movimentos de maquina, muito breves e justificados, aliás e, com isto, Carlito consegue fazer o film mais discutido de todos os tempos e, ainda, um trabalho que tem merecido o elogio universal. E que pode ser exibido e agradar a qualquer país e a qualquer platéa. O seu valor todo, sem duvida, reside na formidavel compreensão que êle tem das massas populares e do que êle consegue, com os seus trabalhos, no referente á comoção das mêsmas, tanto pelo lado comico, como pelo lado humano. Êle arma as suas situações com a maior simplicidade possivel, desenvolve-as com a forma mais gostosa de Cinema e realiza-as com a sabedoria que só mêsmo o seu cerebro previlegiado pode conseguir. Jamais aplica uma tecnica de maquina para encobrir um fraco de direção e nem esconde debaixo de um simbolo aquilo que pode mostrar, claramente, por intermedio da sua tecnica inegualavel. Pantomima não, isto é horrivel. E', sem duvida, genial. Mas genial principalmente, porque compreende o seu publico.

Não ha uma só pessoa que não compreenda a Carlito e ao seu film. "Luzes da Cidade" é simples. A pessoa medianamente culta compreenderá o valor todo daquêle sentimentalismo profundo, tanto quanto qualquer intelectual. A forma de receber essa compreensão é que pode ser diferente. Mas ella penetrará claramente em ambos os cerebros e penetrará por uma simples razão: porque Carlito é, antes de mais nada, profundamente simples, profundamente inteligente, sem ser "snob". Paul Morand poderá dizer a melhor frase sobre Carlito, assim como outro qualquer cavalheiro dêste nivel. Mas o Zéca, da esquina, tambem sentirá aquêle amor terno e profundamente delicado do vagabundo pela céguinha e ha de ter os seus vulgarissimos olhos igualmente humidecidos quando a cena final mostrar o maior prodigio de todos os tempos: Carlito, o "clown", representando tragedia... Esta é que nos parece a irrefutavel verdade.

Dentro dessa sua forma simples, humana, interessante para o mundo todo, de fazer Cinema, Carlito levou os seus usuaes tres anos para concluir "Luzes da Cidade". Exibindo-o, agora, apresenta-se nas suas tres costumeiras posições: como escritor do assunto, diretor e artista principal. Acrescente-se, a estas, mais uma que "Luzes da Cidade" revela: a de adaptador da musica e musica e compilador da partitura que acompanha o film que é totalmente sincronizado e sonóro. Nesta, tanto quanto nas tres outras, Carlito é o mesmo magistral inteligente que conhecemos. "Luzes da Cidade" é o film de musica mais bem adaptada que conhecemos! Nos seus aspétos ridiculos, nos seus temas, nos seus comentarios grotescos á fala humana, na sequencia do apito, durante o silencio necessario para o baritono de salão cantar e em todos os outros trechos do film. O tema para a céguinha, então, é uma musica conhecida, do repertorio de Rachel Meller, delicadissima e feliz. E assim o perfeito dentro dos seus quatro diferentes oficios, Carlito apresenta "Luzes da Cidade", o seu ultimo film. Vence, com êle, como tem vencido com todos os outros: magistralmente. Na verdade, não prova, absolutamente, que o film silencioso ainda é e deve continuar a ser o melhor e unicamente empregado, não. Prova, e com sobras, que êle nunca deverá fazer films falados. Com o seu silencio persistente e com o aplauso que o publico assim mesmo lhe confere, Carlito prova, que é um genio do Cinema e ninguem recusará aceitar isto.

O film, propriamente, é delicioso. Nunca êle fez, diga-se, cousa tão delicada, tão sentimental. E' puro como um lírio, na sua parte amorosa e é engraçado como uma cocega bem feita. Mas esta cocega é educada, é distinta e elegante como o sentimento da parte amorosa... O film empolga. A sua comedia é estupenda. Ha alguns trechos conhecidos, outros esperados e nem todos êles invulgares, é logico. Mas em geral é inédito, isto é, na sua parte principal. Tem, com isto, preenchido satisfatoriamente os seus destinos de "Film comico", do qual vem precedido para o lado geral das platéas. Na sua parte amorosa, esta inédita, até agora, num trabalho seu. Inédita, dizemos, pela sua delicadeza e profunda alma, o film e admiravel e por ela só merecia ser tido como uma das obras mais estupendas do Cinema.

Jamais mostrou-se, com tamanha felicidade, um amor de vagabundo por um ente divinamente angelico e puro, como se mostra neste film. Ha momentos suaves como um soluço de violino e isto, num film de Carlito, é francamente inédito, assim tão acentuado. A sequencia final é tragicamente dolorida. A sua figura, depois que sáe da prisão á qual fôra pelo amor que tinha áquela céguinha, é qualquer mais miseravel e mais desgraçada do que a propria vida... Provoca espontaneamente compaixão. Não ha o menor ridiculo no seu bigodinho, nos seus sapatões, na sua cartolinha. Roubam-lhe até a bengalinha para o apresentarem mais infeliz. Quando a céguinha o vê, — já estando curada — e dêle se ri oferecendo-lhe, em seguida, uma flor e uma moeda, aceitando êle a flor, o enternecimento torna-se completo. E' tragicamente patetico o final. Todas as caretas de um Emil Jannings ou as espressões horripilantes de um Barrymore não chegam ao calcanhar da tragedia toda que Carlito vive nesses breves metros finais do seu film. E êle os vive como um grande artista, como sómente um genio poderia viver. Controla a platéa toda, põe-na respeitosa e fal-a sentir aquilo que o seu sentimento quer. Depois dêste film ninguem poderá duvidar de que êle realize o seu Napoleão e com o mais garantido dos sucessos.

REVISTA

Os seus companheiros são quasi os mesmos de sempre, na parte geral. Harry Myers, como milionario excentrico, apenas conhecendo-o nos momentos de bebedeira, estupendo. Virginia Cherrill é delicada, linda e, embora ás vezes lembrando Esther Ralston, tem personalidade.

A sequencia do jogo de "box", a do "cabaret", a festa em casa do milionario e algumas outras, formidaveis. O automovel e o charuto, observações admiraveis. O principio do film, mesmo, é interessante e engraçadissimo, com a critica ao Cinema falado e a ironia daquelas estatuas.

Aconselhal-o é inutil. Quem o perderá?...

Cotação: EXCEPCIONAL.

LUA NOVA (New Moon) — Film da M G M. — Produção de 1930.

Musica agradavel e confeção impecavel. Bom, por Adolphe Menjou e alguns trechos com Roland Young. Porque, pelo restante, isto é, por Lawrence Tibbett, Grace Moore, Gus Shy e todo aspéto totalmente teatral do film, teriamos que achar terrivel! E isto não dizemos, justamente porque apreciamos boa musica, isto é, musica agradavel aos ouvidos e não podemos deixar de reconhecer que Menjou, em qualquer elenco, eleva-o de 30% no seu valor.

Lawrence Tibbett, o impagavel comico de "Amor de Zingaro", apresenta-se ainda mais feio do que naquêle film e mais engraçado ainda. Tudo quanto êle quer viver de tragico, é comico. Tudo quanto quer viver de comico, é "tragico"... A sequencia dêle e Grace Moore, nos aposentos desta, quando ela lhe pergunta pela canção maliciosa que cantara para os soldados, é quasi uma imitação da sequencia de "Alvorada do Amor", quando Maurice Chevalier conta a Jeanette Mac Donald um pouco do que é Paris.

Jack Conway, o diretor, lutou contra os primeiros interpretes e, temos a certeza, muita vez coçou a cabeça, desesperado, não sabendo se tirar um "close up" e de que maneira tiral-o, com creaturas de angulos tão desfavoraveis... A Grace, ainda passa. Canta direitinho, não é feia de assustar e nem antipatica. Mas é o típo da heroina que provoca um bocejo e tem tanta malicia quanto uma piada inocente do "Tico-Tico"... De Lawrence podemos dizer que tem a voz mais forte do mundo e que tem pulmões sadios. Que cante! Cante até terminar o contrato...

A historia é de uma opereta de Oscar Hammerstein II, Frank Mandel e Laurence Schwab. O cenario, de Sylvia Thalberg e Frank Butler e a musica de Sigmund Bomberg, feliz em varias melodias, inclusive o "Lover Come Back to Me". Ha o classico trecho em que Lawrence vai a uma festa e, nela, canta "A Paga", ofendendo as mulheres e insultando a sua apaixonada que julgava infiel ao seu amor. Careteiro impagavel e pulmões de aço, abusa de ambas as qualidades até terminar a melodia. Um "close up" de Menjou, no final da mesma, é a unica cousa que dá desculpas e acalma os nervos... Francamente, Lawrence Tibbett, só mesmo em discos, num dia de tempestade, depois de uma briga com a sogra...

Karl Dane aparece fazendo um "bit" quasi insignificante e Martha Sleeper, tambem, mostrando-se linda e sedutora.

A malicia dos dialogos é outra cousa que escandalizará a Tia Julieta. Felizmente os letreiros não chegam a traduzir, e parte das platéas não compreenderão...

Cotação: REGULAR.

A ASTUCIA DE CHAN (Charlie Chan Carries On) — Film da Fox. — Produção de 1931.

Um film policial, cheio de misterio e que tem, entretanto, angulos novos. Em primeiro, Warner Oland como detetive em logar de assassino; em segundo, um sabôr humoristico, pelo film todo, que trás um novo aspéto para êste genero tão explorado.

A historia de Earl Derr Biggers é boa e oferece situações muito curiosas e agradaveis. Ninguem imagina quem seja o criminoso e as suspeitas são chamadas sobre todos os tais excursionistas, um por um, maneira essa que é recurso infalivel dos films policiais.

A astucia e os pensamentos de Charlie Chan, são interessantes e a forma pela qual êle consegue apanhar o seu criminoso é muito agradavel pelo seu lado humano, isto é, acertar o detetive por acaso e apenas usando o recurso do seu cerebro.

Cheio de movimento, dentro de bom Cinema, "A Astucia de Chan" agrada e pode ser visto. Warner Oland vai bem no papel que lhe deram e John Garrick forma, com Marguerite Churchill um casal agradavel. Warren Hymer é um bom numero e Marjorie White pouda oportunidade tem. C. Henry Gordon, William Holden, John T. Murray, George Brent, merecem suspeitas... Lumsden Hare e Peter Gawthorne são policiais ingleses... Betty Francisco aparece para levar um tiro e igualmente Jason Robards. Aliás, com êste ultimo, muitas veses tivemos vontade de fazer isto mesmo em outros films dos quais êle era galã...

Philip Klein e Barry Connors escreveram o cenario. Hamilton Mac Fadden dirigiu a contento.

Cotação: BOM.

O MELHOR DA VIDA (Laughter) — Film da Paramount. — Produção de 1930.

Tudo quanto Harry D'Arrast tem feito, pelo Cinema, até hoje, é fino, delicado, bonito e fotogenico. "O Melhor da Vida", êste film que acabamos de assistir e que é mais um lavor da sua fina cultura Cinematografica, tem todos os méritos dos seus anteriores trabalhos e, além deles, uma rapidez vertiginosa, tanto em dialogos como em ação, assim como, ainda, um dos mais modernos cenarios que já nos foi dado apreciar.

O seu film nada de complicado tem, e nem um só "close up" possue. Tudo é simples, liso, mas moderno, ligeiro, inteligente. O tema poderia ser abordado de varias maneiras. D'Arrast e Douglas Z. Doty, co-autores do mesmo, abordaram-no com o mais Cinematografico dos tratamentos e com a mais deliciosa das agilidades de ação.

Nancy Carroll é a pequena de teatro que se casa com um milionario, Frank Morgan. Ela, entretanto, ama Frederic March, um compositor folgazão, moço e impetuoso. Deseja-a, entretanto, igualmente fascinado pelos seus encantos, Glenn Anders, um artista pobre que o film apresenta querendo suicidar-se por causa dela o que o faz, afinal, de forma lindissima, quasi no final. Ligeira, a historia, o tratamento é toda sua recomendação. Não ha paradas inuteis e nem dialogos sem interesse. Tudo é breve, simples, ligeiro e artistico, porque comove a alma e envolve de beleza o espirito. Não ha siquer um espectador que não se interesse pela sorte de Peggy Gibson e nem outro que deixe de admirar o espirito de sacrificio e a beleza moral de Paul Lockridge. O marido, C. Mortimer, é um homem que ama sua esposa e não sabe compreender o avanço dos dias presentes, sem prejuizo para os que o rodeiam. Dianne Ellis, sua filha moça, de primeiro matrimonio, maluca e moderna como qualquer senhorita 1931 é uma tinta dramatica no final. Aliás, foi o ultimo papel da infeliz Dianne, que repentinamente faleceu, quando passeava pela Europa.

CENA DE "O ANJO DAS SELVAS".

Os breves movimentos de "camera" são plenamente justificados e o elenco todo move-se com simplicidade. Frederic March rouba o film, apezar de Nancy Carroll defender-se magistralmente dentro do seu papel dificil. Frank Morgan agrada. Glenn Anders e Dianne Ellis, fracos. Não comprometem o andamento do film, mas não estão á altura do outro casal.

Frederic March, dentro de um típo que só mesmo William Haines poderia viver melhor, sáe-se ás mil maravilhas e consegue todo o sucesso do film para êle, dando grande parte para Nancy Carroll aproveitar, tambem.

Esplendida direção de Harry D'Arrast. Com todos os seus caracteristicos e elegantissima. Ha detalhes subtis, apenas perceptiveis ao "fan" caprichoso e, outros, mais marcados, que chamam a atenção geral. O "background" musical é otimo. Citar o "blue" que sempre serve ás cenas de Glenn Anders, é desusado, tanto mais que todo o film é minucioso nesse particular. Ironico, mordaz, ferino êste film de D'Arrast...

Cotação: BOM.

O ANJO DAS SELVAS (The Girl of the Golden West) — Film da First National. — Produção de 1930.

A mesma First National, ha anos, com J. Warren Kerrigan, Sylvia Breamer e Marcia Manon, sob o titulo de "Mulher Desejada", fez êste argumento de David Belasco que até em opera já existe. Edwin Carewe dirigia e o film era bem fraco.

Deste, quasi que se pode dizer o mesmo. O seu elenco, então, se não fosse a presença de J. Farrell Mc Donald, George Cooper e um "close up" de Bert Roach não sabendo o que seria...

A direção de John Francis Dillon e uma boa fotografia, tambem cooperam para que a gente assista até ao fim sem dormir e não pragueje. Fora isto, é um film fraco e despido de qualquer beleza.

Ann Harding, a mulher ante a qual os joelhos se curvam em oração, o altar-mulher pela qual os olhos rezam, baixinho, as preces mais submissas, a figura de anjo que se fez lírio em um corpo de mulher (era fatal!) é, mesmo, o típo do anjo... Sem sal, sem vida, sem pimenta e sem vinagre: salada crúa... Representa bem, sem duvida e para o papel de Minnie é até demais. Isso de pureza é com Lillian Gish, Janet Gaynor. Muito loira, muito mal penteada, muito mal feita de corpo, Ann Harding, coitadinha, pode ser um sucesso de palcos e uma adoração nos Estados Unidos. Aqui... só mesmo se fizer uma metamorfose tal que sejamos forçados a dizer o contrario...

Não oferece o fim o menor interesse e não vai além de um vulgar espectaculo. Johnny Walker, nome tortura para o pau dagua e para o "fan" paciente, Arthur Stone, Arthur Housman, Joe Girard, tambem aparecem.

O cenario, de Waldemar Young é sofrivel e não ofere novidade alguma. E não somos nós que dizemos. Procurem ler a critica americana.

Cotação: REGULAR.

Rose Hobart

ESTA' FICANDO MAIS BONITA, NÃO E'?

E DE "VENCIDA PELO AMOR"?

LEMBRAM-SE DE "LILLION"?

Lew Cody, depois de dois anos, voltou ao studio da Metro Goldwyn e para o mesmo camarim. Anita Page e Mary Carlisle festejam o acontecimento...

ZIROPAZO — (Colatina - E. E. Santo) — Sôbre o assunto de clichés e impressos, assim como a respeito das assinaturas, diraja-se á gerencia, rua da Quitanda, 7, que é com ela que se tratam tais casos. Olga Baclanova está fazendo **The Great Lover** ao lado de Menjou para a M. G. M., sim. John Sainpolis e Alice Hollister, dirigidos por Frank Lloyd, já fizeram êsse mesmo tema ha anos, para a Goldwyn, lembra-se? O divorcio de John Gilbert e Ina Claire ainda não foi efetivado, mas ha muito que é entre êles uma realidade. Sôbre **Labios sem Beijos,** escreva á Paramount, Praça Marechal Floriano, ela está com a distribuição e com ela tratam-se os negocios. Todos bons, obrigado. E por que não? Quando quiser. As cartas foram entregues.

KATUSKA — (Rio) — A noticia que me dá é ótima! E como conseguiu isso? Não sei se tem mais ardor ou não. Sei que terá um belo futuro, isso sim. Os outros não fazem porque não cuidam, como êle, de si proprios. Precisam de outros para cuidar... Faz bem em aprender. Não fiquei zangado, não. As suas reticencias são detalhes curiosos... Só?... Sem duvida, muito! Guardarei e com prazer. Aquilo é maneira facil de atrair compaixão... Talvez tenha perdido, mesmo. Outro **cocktail** para você, Katuska.

D'ARTAI D'ALVA — (Rio) — Obrigado. Quanto ao segundo tópico, não é razoavel, em parte, a sua observação. A situação motivou isso. Antes assim do que aumentar o preço, não acha? O numero de paginas continúa o mesmo. Mas breve terá surpresas... 1.° — **Rolling Down to Rio** transformou-se em **Derelict** que aqui foi exibido ha algum tempo com o nome de **Mulher a Bordo** e a critica de CINEARTE citou êsse caso. 2.° — E' do nosso Rio que falam, sim, mas as referencias são as melhores, dadas pelos dialogos entre Bancroft e Jessie Royce Landis, a heroina. 3.° — O Imperio exibio-o. 4.° — Ha bem pouco tempo.. Dota certa não sei. Volte sempre, D'Artai.

SVEN — (Curitiba - Paraná) Agora já leu a resposta, com certeza. Tem razão quanto a Clara Bow. Mas ela, em parte, foi culpada de tudo quanto lhe aconteceu. Se tivesse mais juizo, nada daquilo sucederia. Em Hollywood é preciso ter mais cerebro do que coração... Mas ela voltará e admiravelmente, com toda certeza. O negocio de ventriloquia é dificil de se responder. Em todo caso, já que êle **is dead,** como você diz, é melhor deixar passar como sendo dêle mesmo... Que tal? Êle é daí, sim. O nome verdadeiro dêle é Carlos Eugenio Contin. Apreciei a sua listinha e você tem idéas muito iguais ás minhas.

PICKFAIR — (Santarém - Pará) — Aqui as respostas que me pede: — 1.° — Foi remetida a semana passada; 2.° — 1$600. Foi entregue á gerencia, á qual, aliás, deveria ter enviado a tal importancia porque é á ela que compete remessas e assuntos de regime interno. Como quer que lhe seja enviada justamente a revista que trás suas respostas? E' dificil. Anotei o seu endereço e êle será observado. Até outra, Pickfair.

REDY SERTANEJO — (Jequié - Baía) — Você tem muita razão, Redy. Então o sr. Otacilio Coutinho, gerente do Politeama negou-se a contratar o film? E' pena. Se êle fosse **fan** poderia ter mostrado ao menos boa vontade. Mas você tem razão quanto ao futuro: aguarde-o sempre sincero e amigo como você é. Até lógo, Redy.

Harold Lloyd e Mitzi Green

Barrymore e Marian Marsh em "Svengali"

Monta Bell, Von Stroheim, Carl Laemmle Jr. e Robert Harris

SILVIO — (Rio) — Suas respostas: 1.° — Nos momentos vagos e em horas que não lhe prejudiquem. Não é questão de pouca sorte, é questão de ter ou não ter personalidade... Se ela não receber o secretario com certeza receberá e alegrará a familia mostrando-os em casa, quando voltar á tarde para o lar. Mas você faz bem de uma fórma ou de outra algum terá que ver fotografias daqui e isto já é o bastante. Até lógo, Silvio.

N. JULIANO — (Porto Alegre - R. G. do Sul) — Aqui a resposta que pede. As cotações atualmente usadas correspondem a êste quadro: 12, Exepcional; 11, 10 e 9, Muito bom; 8, 7 e 6 Bom; 5 Regular; 4 e 3, Fraco; 2 e 1, Mediocre; 0, inqualificavel. Naturalmente, pela leitura da critica ver-se-á quando um film é 11, 10 ou 9 e quando êle é 8, 7, ou 6. O novo sistema de cotação facilita mais e é mais natural e logico. Quando perguntamos a alguem se gostou de um film êle não nos responde: "sim, 10 pontos". Responde, naturalmente: "sim, Muito bom". E aí temos o porque da mudança.

NILS ASTHER — (Jundiái - S. Paulo) — Luiz Sorôa e Milton Marinho, **Cinédia Studio,** rua Abilio, 26, Rio de Janeiro.

SUBMARINO — (Ribeirão Preto - S. Paulo) — A noticia que me dá eu já a conhecia em várias outras versões. Mas pode crer que é mentira e passatempo de jornalistas sem ocupação. Conway Tearle é casada com uma criatura que não pertence a teatro e nem a Cinema. Nasceu em New York e esteve recentemente representando nos palcos londrinos. Escreva-lhe para Tiffany Studios, 4516, Sunset Boulevard, Hollywood, California

LUPE VELEZ — (Rio) — Viu, mesmo?... Aqui suas respostas: — 1.° — não ha dados; 2.° — idem; 3.° — idem; 4.° — idem; 5.° — idem. O caso é que você pergunta cousas que ninguem sabe porque é justamente o ponto fraco de cada um... Se fossem cidades e paísis, aí sim, era facil. Veja em que mais posso servi-la que terei imenso prazer, mas nêsse negocio de dadas, lembre-se que é o maior segredo dos artistas... As vezes damos em notinhas separadas algumas que descobrimos em entrelinhas de revistas de lá. Poderiamos reproduzir, mas vamos deixar para faze-lo na secção **Do Ré Mi Fa Sol** que vai voltar.

L. C. FRANÇA — (Rio) — Apenas cinco perguntas de cada vez, amigo França. Em todo caso, as primeiras cinco aqui vão respondidas: 1.° — Billie Dove, United Artists Studios, 1041, North Formosa Avenue, Hollywood, California; 2.° — Joan Crawford. M. G. M. Studios, Culver City, California; 3.° — William Haines, idem; 4.° — Antonio Moreno, Warner Bros. Studios, Burbank, California; 5.° — Anita Page, igual ao de Joan Crawford.

ROLANDO — (Estancia) — E' um caso de parecer pessoal, amigo Rolando. Você observando bem tambem mudará de idéa. Em todo caso a sua opinião tambem tem valôr e em muita cousa você acerta. A's vezes é felicidade com os diretores que teve. Todos êles pouco sabem do que fazem: o diretor é quem sabe e tudo dispõe. Preste

PERGUNTE-ME OUTRA...

cem atenção nisso. As artistas que dispensam diretores crentes em si, fracassam e Greta Garbo sempre teve os melhores diretores a conduzi-la: Clarence Brown, Fred Niblo, Monta Bell, Robert Z. Leonard. A' êles deve ela a posição que ocupa e o brilho todo da sua personalidade. Igualmente Marlene e Josef Von Sternberg, que a tem dirigido, sem o qual ela continúaria na Alemanha sem nada valer para o mundo. Não se esqueça que êle é de lá e tinha obrigação de jogar ne "defesa". Volte sempre, Rolando. **OPERADOR**

MULHER N. 2...

(F I M)

film mais admiravel e mais tocante que já vi na tela. Os anos passam, novos films vem, mas o "Lirio Partido" de meu tempo de menina, o "Lirio" todo feito de sonho, encanto, delicadeza e ternura, fica eternamente em meu coração. Até hoje tenho por Richard, Griffith e Lilian Gish, uma profunda admiração.

Norma Talmadge, por seu talento inegualavel é uma artista que tambem muito admiro, principalmente pelo seu desempenho em "Morrer sorrindo" e "Kiki".

Taciana, dos films mais modernos, admira "Setimo Céu" e "Cabana Encantada" silenciosos. "Patrulha da madrugada", "Chicote", "Sem novidade no Front" e "Trader Horn" falados.

O Cinema falado aborrece-a terrivelmente. Acha que a voz assassinou todo o encanto do Cinema, quasi .. Por isto sentiu uma alegria sem limites ao assistir ha pouco "Luzes da Cidade" de Chaplin, silencioso, suave e bonito como nenhum film atual.

Entre Cinema e Teatro, prefere sem duvida, o Cinema.

— "Sou incondicionalmente do Cinema e pelo Cinema. Êle interessa mais do que a vida, e é mesmo... o melhor da vida!... Aprecio todos os artistas brasileiros em geral. Os diretores idem. E films, os que mais admirei dos que vi, foram "Barro Humano", "Labios sem beijos" e "Sangue mineiro".

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonima "O Malho"

DIRETORES

Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRETOR-GERENTE

Antonio A. de Souza e Silva

ASSINATURAS

Brasil: 1 ano, 48$; 6 meses, 25$ — Estrangeiro: 1 ano, 78$; 6 meses, 40$000.

As assinaturas começam sempre no dia 1 do mês em que forem aceitas anual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta resgistrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonima O MALHO — Rua da Quitanda, 7. Endereço Telegrafico: O MALHO. — Rio. Telefones: Gerencia: 2-0518. Escritorio: 2-1037. Oficinas: 8-6247.

Em S. PAULO

Sucursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

Conversamos sobre tantos assuntos e afinal das contas ainda nada lhe tinhamos perguntado sobre "Limite", sobre seu papel, seu desempenho, impressões, etc. Era justo que o fizessemos.

— "Como me fui em "locação" Otimamente, e como não imaginava. Quando cheguei á Mangaratiba, onde Mario Peixoto estava filmando "Limite", sentia-me um pouco acanhada, pois não travara conhecimento com ninguem do "unit". Mas encontrei um meio de tanta cordialidade e simpatia, tanta distinção e delicadeza, que me senti logo á vontade. Passámos, eu e minha irmã que me acompanhou, uma temporada agradabilissima. Levantavamos cedo, partiamos para o alto mar e lá filmavamos até 4 horas da tarde mais ou menos. Sempre no meio da maior bôa vontade, animação e delicadeza, por parte de todos do "unit". A' noite, quando regressavamos, iamos ao unico Cinema do logar, quando havia função. Cinema este cujos principais "habitués" eramos nós, o pessoal de "Limite". Diverti-me imensamente e passei mesmo lá, a noite de S. João, assistindo á uma festa estupenda.

A guerra constante que tinhamos de fazer aos mosquitos quando filmavamos em alto mar, é um episodio interessante de filmagem que me recordo. Os insétos terriveis não nos deixavam em paz, e Olga Breno devido seu vestiario, foi quem mais sofreu com êles. Por falar em Olga Breno, adeanto que meus colegas foram todos os melhores. Otimos mesmo.

Mario Peixoto foi a verdadeira alma do film. Incansavel, solicito, sem nunca perder a paciencia nem a delicadeza admiravel, auxiliando os artistas em seus papeis, aos quais êle nos soube adaptar muito bem. "Limite", feito no sentido de arte pura, revela muito bem a competencia de Mario Peixoto para dirigir, e tambem sua grande inteligencia. Já assisti ao film, sim, e muito apreciei nêle, além da direção, a fotografia otima de Edgar Brasil e o trabalho de meus colegas.

— "Meu papel? Apesar de não ser o que meu temperamento pede, fiz por êle o que senti, auxiliada muitissimo pela direção de Mario Peixoto. Tudo fiz, porém, para "viver" a minha parte".

Taciana discorreu ainda sobre seus planos para o futuro. Deseja figurar sempre em films brasileiros. Está sempre pronta a dar sua colaboração e sua bôa vontade a êles. Taciana Rei "viverá" a personagem que lhe confiarem, com alma, entusiasmo e sinceridade, porque ama o Cinema, e principalmente o Brasileiro.

✣ ✣ ✣

"Limite", não é de todo despido de encantos. Tambem tem o seu, e aí está êle — a graciosa Taciana Rei! Ela é no film a "mulher nº 2", outra desiludida, outra naufraga de uma violenta procela da vida. Taciana é bem a "mulher nº 2", na vida de um homem. E' o balsamo refrigerante que todos desejam para livrarem-se da sedução ardente e morbida da "mulher nº 1"...

Se vocês forem ver "Limite", não poderão esquecê-la. Sua delicadeza, ela toda enfim, uma flor irradiante de graça e encanto, ficará bem dentro do coração de todos. Por que ela é bem a figurinha que fala aos olhos, mas para tocar á alma... Macia, silenciosa (apesar de ter na vida real, uma voz de sonho) expressiva como ninguem, sua parte em "Limite" é mesmo qualquer cousa que entusiasma os "fans", por sua sinceridade suave e sua quasi perfeição.

Taciana Rei, que apesar de sua alegria, seu rosto bonito e vivaz, e seu "chic" delicioso e moderno, é tambem uma figurinha que tem muito de sonho e de suavidade espiritual... Fusão de Janet Gaynor com Marion Nixon. Sentimento do seculo. Conto de fadas relatado num baile moderno. Princezinha de um castelo de ilusões que se fez realidade ao som de um "jazz"... Mas antes que tudo, Yolanda, que é seu nome verdadeiro, a menina adoravel, distinta e modesta, por quem todos têem uma estima e afeição enorme sem saber bem porque... Taciana Rei, persistente, resoluta, artista sincera e valiosa, estrelinha nova que promete e que encanta. Mas mais ainda do que isto tudo, uma "ladra perigosa", que já sabe "roubar" films e desde muito "rouba" corações!

Cocktail

(F I M)

— "A estréa de **Luzes da Cidade**, hontem, provou que Carlito é o unico artista, no mundo, que tem o mundo todo por platéa e todos os paises por mercado. Isto, para um homem, pode ser uma honraria das mais sublimes, sem duvida. Com a sua pantomima, sem dialogos, consegue êle, melhor do que nunca, agradar universalmente todas as platéas as quais aparecer. Êle ainda é compreensivel ao público do mundo todo, exatamente na forma que o tornou celebre, ha anos, quando já era estupendo e apenas tido como um comico vulgar. Do outro lado, todos os artistas que entram para o Cinema falado, perdem o seu valor para as platéas que não compreendem o que êles dizem.

Sabem, outros povos, igualmente, que êle conserva-se dentro do seu programa integralmente e isto ainda mais auxilia o seu sucesso sem precedentes. Deixou êle uma verdadeira fortuna que lhe ofereceram para falar alguns minutos pelo radio. E recusou, ainda, outras tantas propostas que o iriam diminuir aos olhos do seu público. Quando as universidades de Yale e Havard e, depois, as de Oxford e Cambridge o convidaram, insistente-

..mente,, para que fizesse, diante dos seus alunos uma exposição clara da psicologia da pantomima, êle recusou-se, recusando, assim, uma das maiores honras que já se ofereceram a alguem de Hollywood. O segredo, entretanto, é que Carlito sabe, melhor do que ninguem, que a ilusão é a base do seu agrado. Sabe, perfeitamente, que a sua maior fascinação é o coração que êle domina com a sua figurinha e, melhor do que nunca, que a pantomima é o unico meio dêle continuar disto dando demonstrações e colhendo sucessos. Com a exepção de haver maior satira e mais subtilidade nos seus trabalhos, Carlito, entretanto, continua o mesmo de 18 anos passados, é a verdade.

———

Howrad Estabrook, um dos melhores "cenaristas" dos films americanos, ao qual devemos a obra perfeita que foi a continuidade de **Anjo Pecador** e, mais, sucesso retumbante de Cimarron, uma das grandes conquistas do film falado e cuja descrição cinematografica lhe pertence, diz, sobre "cenario", o seguinte:

— O trabalho de um cenarista é muito parecido com o de um advogado que trás um processo a julgamento. O escritor, antes de mais nada, precisa travar intimo conhecimento com as vidas e os costumes dos seus caractéres para, depois, apresentar a sua solução a uma audiencia, de maneira a conseguir, depois, o veredito favoravel. Ha ações vividas por determinados caractéres que, nos dias do passado eram tidas como "antipaticas", mas que, hoje, são consideradas "humanas". E' que os films avançaram muito e, principalmente, conseguiram chegar a um grau de perfeição tal que dão um absoluto colorido de naturalidade, despindo de qualquer artificio os seus caractéres. E' necessario que o cenarista conheça muito intimamente esses mesmos caractéres e, depois, no seu cerebro chega-lhe a tarefa de vizualizar fatos e ocurrencias das suas vidas, e, o que é mais dificil, de forma ainda não mostrada em film algum. Esta forma será o ambiente em torno do carater ao qual procurará o cenarista dar o maior colorido humano possivel e o qual, ainda, constitue qualquer cousa inédita para os olhos e para os espiritos. Um determinado ato, não motivado logicamente, provoca a reação da platéa que, toda, não aprova, ao passo que o mesmo ato, cuidadosamente preparado, tornar-se-á simpatico e agradavel. Dificil a função de cenarista, garanto-lhes!

———

Diz Richard Wallace, conhecido diretor, a respeito do "Primeiro problema dos films":

— O primeiro problema que o Cinema encara, quando apresenta um film, é não deixar "cair" a história. E', aliás, um simbolo dos nossos dias de velocidade, ligeireza, esperteza. O publico pede rapidez na narrativa e quer a solução a mais rapida possivel. Evidencia-se o mesmo efeito na nova literatura que está muito longe de ser o que era a de Dickens, Thackery, Scott e quaesquer outros. Para diante com a história! Mais e mais ação, eis o problema! Nestes dias, quando o Cinema procura adaptar novelas e péças ás telas, o problema de condensar tudo na forma mais compacta e facil de compreender, ao mesmo tempo, é o unico viavel. O problema da seleção, igualmente, é delicado e tanto o cenarista como o diretor, ás vezes, esquecem-se de detalhes que são, quasi sempre, os mais importantes. E' por isso que falham muitos films que têm bom principio e censurados são outros que tambem pecam, mais ou menos, pelo mesmo principio.

———

Mario Marano, um brasileiro do qual CINEARTE já muito se ocupou cuja semelhança com Ricardo Cortez foi faladissima, andou pelos Estados Unidos, figurou em um film da Peerless e, depois, sumiu.

Agora, entretanto, volta com **Noite de Nupcias,** versão falada em português do film de Clara Bow **Her Wedding Night,** que, por sinal, é versão falada de **Miss Barba Azul** (Miss Bluebeard), que ha anos fez Bebe Daniels para a mesma Paramount, com Frank Tuttle (tambem diretor da versão falada) dirigindo e Robert Frazer, Raymond Griffith (papel que Leopoldo Fróes tem nêste film em português) e Kenneth Mac Kenna nos principais papeis.

Mario Marano aparece ligeiramente como porteiro de hotel, cantando uma canção em francês.

Politica Interna...

(F I M)

Dorothy Sebastian, Alice White e Clara Bow — más politicas. Dorothy perdeu anos e mais anos com a M. G. M., fazendo pontas.

Janet Gaynor e Lillian Gish são politicas das mais formidaveis que já vimos. Justamente por causa do arzinho de santa que ambas têm... Lillian não proseguiu por que não quis. Mas Janet proseguiu e está obtendo vitorias em terrenos que são derrotas seguras para outros menos habeis do que ela.

Recentemente Eleanor Boardman recusou assinar um contrato com a M. G. M. Por que?...

— "Porque fui sincera, o tempo todo e não usei a malicia politica de muitas outras. Agora chega! O resultado foi o vantajoso contrato que assinou com a Paramount, em seguida, com oportunidades como jamais ela teve, em toda sua vida.

Ha anos, quando ela ainda trabalhava com Hobart Henley, não gostava dêle e isso não escondia. Os produtores a chamavam e lhe diziam que se desculpasse. Ela negava-se a isso. Depois negava-se a ir ao encontro de um jornalista, encontro esse que o proprio Studio tinha combinado. Politica errada!... Um dia aceitou a entrevista marcada com outro reporter e disse tais disparates na entrevista que por um triz não vai para a rua. Salvou-a a vontade que tinha a M. G. M. de conservar King Vidor, seu marido, sob contrato e a bondade de Hobart Henley que a desculpou pelo que de ofensivo dêle havia ela dito.

Lupe Velez é outra que nada sabe de politica. **The Squaw Man,** entretanto, que ela vem de terminar, é alguma cousa que a poz perfeitamente ao par de tudo e já disfrutando as vantagens novas do que acaba de compreender. Cecil B. De Mille não ouviu um **yes** dela... Entretanto declarou que "Lupe é a melhor cousa que já vi, desde Gloria Swanson. Ela é uma mistura de Lenore Ulric e Gloria Swanson".

O seu futuro é alguma cousa que será uma nova lição de politica interna para os que não aceitam isso como dogma e não praticam esse dogma com veneração, para vencer...

✣ ✣ ✣

Winfield R. Sheehan obteve ganho de causa numa questão que sustentou contra William Fox, pedindo-lhe o pagamento de 310.000 dollares para a indenização de uma perda de titulos por William Fox motivada, ha tempos. William Fox, ultimamente anda mais **pesado** do que um soco de Primo Carnera...

✣ ✣ ✣

Louise Fazenda, Evelyn Knapp, Dale Fuller, Vivian Duncan e Russell Simpson fazem anos a 17 de Junho.

✣ ✣ ✣

James Cagney, Joan Blondell, Loretta Young, Marian Marsh, Donald Cook e Polly Walters renovaram seus contratos com a Warner Bros e a First National.

O galã da esquadra

(F I M)

Entra a desilusão para o coração de ambos. Êle parte com a esquadra, de novo, no cruzeiro pelo mundo e em Buenos Aires dá baixa. Tempos depois, no café, Lou de novo toma conta e aparentemente demonstra a perda total dos seus bens.

Um dia aparece-lhe Bilge, de novo, imundo e infeliz como nunca. Não trás mais do que esperança e uma grande saudade no coração.

Atiram-se um aos braços do outro. Êle vendo-a daquêle geito, pergunta-lhe se não é mais rica, ao que ela mente, dizendo que não. Êle, cavalheiro e apaixonado por ela, pede-lhe a mão em casamento.

Lou pensa. Depois concorda e casam-se.

Passadas algumas horas, quando a festa já é mais do que uma festa, chega Lavinia com vestidos custosos para Lou.

Surpreende-se Bilge.

— Onde arranjaste isso se não tens mais dinheiro?

— E' que eu, Bilge...

Não acha explicação a pobre Lou que teme doidamente perder o seu marido que tanto amava.

Mas Bilge termina aceitando aquilo que ela lhe oferece de coração e, em parte, agradece a ela o auxilio que lhe iria prestar se bem que lhe houvesse valido uma temporada triste passada longe da patria, apenas por causa de uma teima cretina.

Fumaça de polvora

(F I M)

Era o fim da quadrilha Darvas...

Com os beijos ardentes de Sue e Brad, ela arrependida e êle calmo, dominador, e os carinhos identicos de Stub e Hampsey, terminam aquêles momentos agitadissimos da usual pacatissima vida de Bunsen, no estado de Idaho...

JOAN MARSH
CINEARTE

Odol
KOHOUT.
U.S.A.
A Pasta Odol dá brilho e brancura aos dentes;
o Liquido Odol completa a hygiene da bocca
evitando a carie e perfumando o halito.
ODOL